



atos

do conselho superior

ano LXI abril-junho 1980

n. 296

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho superior
da sociedade salesiana
de São João Bosco

n. 296

ano LXI

abril-junho de 1980

1. CARTA DO REITOR-MOR	P. Egídio VIGANÓ "Mais clareza de Evangelho"	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	P. Juan Edmundo VECCHI "O nosso empenho catequético"	36
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Indicação da duração da profissão religiosa	44
4. ATIVIDADES DO CONSELHO	4.1 Sessão plenária (nov. 1979 - dez. 1980)	45
	4.2 Programa de visitas (quadro)	46
	4.3 Crônica do Reitor-Mor	48
	4.4 Pastoral Juvenil	48
	4.5 Missões	49
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Polônia - Novas Inspetorias	52
	5.2 Nomeações	53
	5.3 Pessoal missionário	54
	5.4 Solidariedade fraterna (31.ª rel.)	55
	5.5 Animação mariana	56
	5.6 U. P. S. redimensionamento	61
	5.7 Casas eretas em 1970	70
	5.8 Irmãos falecidos	71

1. CARTA DO REITOR-MOR

P. Egídio VIGANÓ

"Mais clareza de Evangelho"

Mais clareza de Evangelho. — Introdução — A grande escolha do coração de Cristo: o significado da nossa profissão religiosa — Desafio da ambigüidade — Os anos 70 e o anúncio do Evangelho. Na raiz está o Concílio. Pontos focais. — Uma trilogia de base para a renovação da pastoral: "Discurso Catequético Geral"; "Evangelii nuntiandi"; "Catechesi tradendae". — Sintonia da Congregação: "Evangelização e Catequese"; "Os Salesianos evangelizadores dos jovens". — Perspectivas, compromissos, propósitos: Ser arautos transparentes do Evangelho; Empenhar-se na área cultural; Formar pessoas competentes. — Dom Bosco nos interpela. — Conclusão.

Queridos Irmãos,

iniciamos, a partir de outubro de 1979, encontros especiais de diálogo: o Reitor-Mor e membros do Conselho Superior reuniram-se com grupos de Inspectores e seus Conselhos. Já se realizaram essas reuniões com as Inspetorias da Índia, com as de língua alemã e com as de língua holandesa; em abril fá-las-emos com as Inspetorias da Polônia e da Jugoslávia: e depois continuaremos com as outras.

O tema dos colóquios concentra-se sobre grandes orientações operativas e diretrizes de renovação dos dois últimos Capítulos Gerais. O objetivo a ser atingido é fazer juntos um exame de consciência realista, com revisão concreta da vida inspetorial, na fidelidade ao projeto evangélico de Dom Bosco, descrito com autoridade e autenticidade nas Constituições.

— O que afinal indagamos é se somos, em cada Inspetoria, de fato e com atualidade, *genuínos evangelizadores dos jovens*.

É sobre este argumento essencial do anúncio do Evangelho, tão fortemente salientado pelo Capítulo Geral 21, que desejo convidar-vos a refletir, motivado pela promulgação da Exortação apostólica “*Catechesi tradendae*”.

Podemos dizer que, com este documento de João Paulo II acerca da catequese em nosso tempo, completou-se de certa maneira uma série de intervenções magisteriais sobre a renovação da pastoral na Igreja, iniciada com o Concílio Ecumênico Vaticano II.

Trata-se de um conjunto de diretrizes de extraordinária incidência sobre a nossa missão entre os jovens: interessam também diretamente todo o relançamento do Sistema Preventivo.

Proponho-me, pois, atrair vossa atenção sobre os três documentos mais importantes:

- o “*Diretório Catequético Geral*”, publicado em 1971, em atenção a um mandado conciliar do decreto “*Christus Dominus*” (n. 44);
- a *Exortação Apostólica “Evangelii nuntiandi”*, que coordena e lança as idéias da III Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos de 1974; e
- a *Exortação Apostólica “Catechesi tradendae”*, que apresenta o tema da IV Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos, celebrada em 1977.

Constituem esses documentos como três colunas que, juntas, sustentam verdadeira plataforma de lançamento para uma nova pastoral do anúncio do Evangelho hoje e no futuro. Os dois próximos decênios “marcam a vigília do terceiro milênio do cristianismo” (Paulo VI); somos chamados a preparar neles o “novo Advento” do 2000 (João Paulo II).

A nossa é uma hora carregada de história: “é preciso ter a coragem de vivê-la de olhos

abertos e corações impávidos... (sem) ter medo de recomeçar do princípio a complicada e extenuante missão da evangelização” (Paulo VI).

A grande opção do coração: Cristo

Somos discípulos de Cristo que realizamos, com a profissão religiosa, um gesto de liberdade particularmente original: escolhemos de forma radical e para sempre o Senhor ressuscitado. *Cristo constitui a nossa opção fundamental*, que condiciona e orienta todas as nossas outras opções. O coração do salesiano passa pelo mistério pascal antes de percorrer qualquer estrada da história. É um encontro de amor, uma aliança nupcial: somente partindo de Cristo se explica o nosso gênero de vida, a nossa pertença à Igreja, a nossa missão juvenil e popular, o nosso projeto educativo, a nossa atividade e o estilo com que a realizamos.

É importante, hoje, renovar com clareza a consciência dessa opção fundamental a fim de que ela se torne operativa nas nossas convicções, no testemunho de vida e nos compromissos de trabalho.

Pude perceber, girando pelos vários continentes, que existem diversos pólos culturais de atração para revestir de atualidade o compromisso histórico da nossa missão. São particularmente dois: o processo de “libertação” que privilegia a consideração dos oprimidos e luta por maior justiça social, e o processo de “secularização” que se concentra na guinada antropológica e propõe uma formação humana de mais destacada laicidade. Os dois pólos culturais não são alternativos; acham-se estreitamente unidos um pouco por toda a parte, ainda que com acentuações diversas; no terceiro mundo, por exemplo, sói prevalecer o primeiro pólo, levando a uma opção social pelo

pobre que não raro se mostra submersa num clima temporalístico de empenho sócio-político: nas sociedades economicamente mais progredidas prevalece o segundo, acentuando uma opção cultural pelo homem num clima de empenho pedagógico social frequentes vezes de um humanismo horizontal.

Pode-se ouvir, então, de situações diversas, insistentes perguntas sobre os atuais compromissos do salesiano; quais devem ser os seus primeiros destinatários; qual a sua opção histórica de utilidade social.

Infezmente nem sempre há clareza de fundo para responder a essas interpelações; conhecemos os perigos de um temporalismo politizado e certas modas de horizontalismo secularista. O aspecto mais preocupante desses perigos é o de atingir a genuidade da evangelização e da catequese, chegando, em definitivo, a instrumentalizar a própria figura de Cristo em favor de uma “revolução” ou de um “humanismo”.

Ora, é bom que reflitamos sobre o significado vital da escolha feita com a nossa profissão religiosa. Optamos de maneira tão fundamental por Cristo, que fazemos dele o parâmetro de todas as outras escolhas; no nosso coração não se dá nenhuma opção que seja anterior e independentemente de Cristo. Ele é a “graça primeira”, o “carisma inicial”, a “intuição genial” de todos os nossos amores e de todas as nossas iniciativas.

Se quisermos responder bem a algumas perguntas inquietantes que as situações concretas nos propõem hoje sobre determinadas prioridades de trabalho entre os nossos destinatários, é preciso acima de tudo estar com Dom Bosco na sua opção de base por Jesus Cristo. O Salesiano de ontem, de hoje e de amanhã optou, como o seu Fundador, absoluta e definitivamente por Cristo; somente através dele é que discerne e faz as demais opções. Com

efeito, não nos referimos ao Senhor porque amamos os jovens e o povo: mas nos damos à juventude necessitada porque amamos o Senhor. O coração do Salesiano é inteiramente ocupado por Cristo para amar os jovens como Ele os ama; olha para Cristo amigo dos pequenos e dos pobres; por isso a sua dedicação à juventude e às classes populares se torna mais intensa, mais perseverante, mais genuína, mais fecunda. Sobre esta base, move-se nas decisões sucessivas, seguindo a vocação e a experiência de Dom Bosco, com ductilidade de adaptação à vida da Igreja e às exigências das conjunturas concretas.

*Numa hora de procura de identidade pessoal e coletiva, a primeira coisa a garantir é o significado da nossa profissão religiosa que nos incorpora numa Comunidade que fez a grande opção de Cristo salvador e pastor, amigo dos jovens*¹.

Temos hoje na Congregação necessidade urgente de refletir muito mais nessa escolha! Somente a consciência desta opção fundamental nos dará mais clareza de Evangelho.

1. cf. circular sobre o Sistema Preventivo, Atos do Conselho Superior, 290, agosto de 1978, págs. 15ss; e Atos do Conselho Superior, 295, janeiro-março de 1980, págs. 20-22.

O desafio da ambigüidade

As fortes mudanças em que nos vimos envolvidos não só abalaram toda a metodologia pastoral em uso, mas atingiram, mais de uma vez, vários dos seus grandes conteúdos, obscurecendo a nossa missão na sua atualidade, incisividade e identidade.

Não poucos, também entre nós, começaram a mover-se entre ambigüidades, a não compreender mais o significado histórico da nossa vocação, a reduzir o apostolado a promoção humana ou a simples espiritualismo e prática cultural, a superestimar projetos ideológicos, a não cuidar da importância e da evolução da linguagem, a interpretar a volta para o homem

com uma superação da revelação objetiva de Deus.

Em clima tão perigoso de incertezas, instabilidade e confusão que pode levar ao enfraquecimento e ao abandono dos grandes ideais da nossa vocação, é mister reagir, reconquistando a clareza e a validade do compromisso dos verdadeiros anunciadores do Evangelho. Urge perceber a nítida originalidade da missão específica da Igreja, sem cair na “tentação de reduzir a sua missão às dimensões de um projeto simplesmente temporal; suas tarefas, a um plano antropológico; a salvação de que Ela é mensageira e sacramento, a um bem-estar material; a sua atividade, descuidando toda preocupação espiritual e religiosa, a iniciativas de ordem política ou social”². “A Igreja neste século XX, que se encaminha para o fim, é convidada por Deus e pelos acontecimentos (...) a renovar a sua confiança na ação catequética como uma tarefa absolutamente primordial da sua missão”³.

O anúncio de Cristo aos jovens é a nossa razão de ser. Fazer evangelização e catequese é a meta das nossas iniciativas e a finalidade das nossas qualificações. Não se trata, para nós, de uma tarefa adicional e de um serviço simplesmente de tempo livre, mas de uma missão totalizante: ela “merece que o Apóstolo lhe consagre todo o seu tempo, todas as suas energias, e por ela sacrifique, se necessário, a própria vida”... A mensagem do Evangelho de Cristo “é necessária. É única. É insubstituível. Não suporta nem indiferença, nem sincretismos, nem acomodações. Está em causa a salvação dos homens”⁴.

Eu vos dizia na circular sobre o Sistema Preventivo⁵ que a Palavra de Deus, por sua natureza, revela e interpela. “A Palavra de Deus não é propriamente maturação humana ou resposta de explicitação a uma situação problemática; é, ao invés, iniciativa de Deus, dom,

2. Evangelii nuntiandi, 32

3. Catechesi tradendae, 15

4. Evangelii nuntiandi, 5

5. Atos do Conselho Superior, 290, agosto 1978

interpelação, vocação, pedido. O Evangelho, ainda antes de responder, interroga.

O educador deve ser consciente e leal com respeito a esta natureza da Palavra de Deus: a sua preocupação “pedagógica” de adequação à condição juvenil não deve ignorar ou opor-se ao seu compromisso pastoral de “profeta” do Evangelho.

A harmonia e a constante compenetração mútua dos dois aspectos (de “educador” e de “profeta”) exigem reflexão, revisão e lealdade.

Portanto, dado que a pedagogia do Sistema Preventivo se apóia numa escolha explícita de empenho pastoral, o Salesiano deverá cuidar constantemente da autenticidade de apresentação do conteúdo da fé. A sua particular inclinação e capacidade de considerar as condições dos destinatários serão sempre iluminadas e guiadas pela figura de Cristo que interpela e chama como Senhor da história”⁶.

Ou seja, deve saber cuidar de uma síntese viva e unitária dos dois níveis complementares do Sistema Preventivo que lhe aprofundam a alma:

— o “*impulso pastoral*” no coração do irmão que orienta e caracteriza toda a sua espiritualidade de “profeta”;

— e o “*método pedagógico*”, que determina e guia toda a sua criteriologia de “educador” na programação pastoral das opções e na modalidade das intervenções operativas⁷.

Creio muito conveniente sublinhar que a “*espiritualidade do profeta*” exige fidelidade na transmissão da Palavra de Deus: o “profeta” não pode ser arbitrário nas suas opções;⁸ ao jovem chamado a conhecer mais e melhor o mistério de Deus “segundo a verdade que existe em Jesus”,⁹ ele não pode “recusar-lhe parte alguma desse conhecimento”;¹⁰ “ele há-de procurar que não se detenha em si mesmo, nas suas opiniões e aptidões pessoais, a atenção e a

6. Atos do Conselho Superior, 290, pág. 35

7. Atos do Conselho Superior, 290, págs. 12-13

8. Catechesi tradendae, 30

9. Efésios 4,20

10. Catechesi tradendae, 30

adesão da inteligência e do coração daqueles que ele catequiza; e, sobretudo, ele não há de procurar inculcar as suas opiniões e as suas opções pessoais, como se elas exprimissem a doutrina e as lições de vida de Jesus Cristo".¹¹

O anunciador do Evangelho não procura prosélitos para si ou para as suas preferências ideológicas, mas empenha-se, como porta-voz da Igreja, em formar verdadeiros discípulos de Cristo: "Todo poder — disse o Senhor — me foi dado no céu e na terra. Ide, pois; tornai *meus* discípulos todos os homens do mundo".¹²

O profeta, além disso, apóia-se em "certezas" que sabe comunicar aos outros convicção; ele é chamado a transmitir "não dúvidas e incertezas nascidas de uma erudição mal assimilada, mas certezas sólidas, porque ancoradas na Palavra de Deus".¹³

Infelizmente devemos reconhecer — diz o Papa — que se encontram hoje, aqui e ali, abusos na tarefa do evangelizador e do catequista: redução da verdade do mistério de Cristo,¹⁴ falta de integridade no conteúdo da catequese,¹⁵ condicionamentos ideológicos,¹⁶ defasagens na inculturação,¹⁷ sentido de insegurança que cede a um ensino de pura busca sem certezas,¹⁸ desequilíbrio na aproximação ecumênica,¹⁹ carências várias no texto e manuais,²⁰ etc.

Ora, o ministério do "profeta" do Evangelho provém diretamente de Cristo-Mestre, através dos Apóstolos e da ininterrupta Tradição (transmissão viva) da Igreja. Numa mudança de época, isso se mostra particularmente "importante, mas arriscado";²¹ há necessidade simultaneamente de profunda renovação e de genuína lealdade: "importa que a Igreja nos dias de hoje saiba dar mostras — como aliás soube fazer noutros momentos da sua história — de sapiência, de coragem e de fidelidade evangélicas no procurar e no pôr em prática vias e perspectivas novas".²²

11. Catechesi tradendae, 6

12. Mateus 28, 18-19

13. Evangelii nuntiandi, 79

14. cf. Catechesi tradendae, 29

15. cf. Catechesi tradendae, 30

16. cf. Catechesi tradendae, 52

17. cf. Catechesi tradendae, 53, 54, 59

18. cf. Catechesi tradendae,, 60

19. Catechesi tradendae, 32-33

20. cf. Catechesi tradendae, 34, 49

21. Catechesi tradendae, 61

22. Catechesi tradendae, 17

Como é exigente em todo Salesiano a *síntese viva e unitária do duplo aspecto de "profeta" e de "educador"* para realizar como Dom Bosco o Sistema Preventivo que evangeliza educando e educa evangelizando!

Os anos 70 e o anúncio do Evangelho

Os três recentes documentos magisteriais convidam-nos justamente a um severo exame de consciência sobre a fidelidade à nossa missão de evangelizadores dos jovens; ajudar-nos-ão a reavivar na prática as intenções genuínas do Sistema Preventivo.

Consideremo-lhes brevemente a ambientação histórica.

Na raiz está o Concílio

O grande evento que assinalou o atual "tempo da Igreja" é, sem dúvida, o Concílio Ecumênico Vaticano II. O Papa João falava dele como de novo Pentecostes. Dele provém um anúncio do Evangelho que toca no vivo os problemas do homem de hoje, com uma procura de linguagem adequada.

Pentecostes foi o ponto de partida para a difusão do Evangelho nos diversos povos e línguas. Da fecundidade desse acontecimento e desse "tempo da Igreja" surgiu toda uma atividade evangelizadora e catequética que marcou os séculos seguintes.

Também o Vaticano II traz consigo uma fecundidade pentecostal: Paulo VI considerava-o como "o grande *Catecismo dos tempos modernos*"²³. Realmente os objetivos do Concílio resumem-se num só: "tornar a Igreja do século XX cada vez mais capaz de anunciar o Evangelho à humanidade".²⁴ Esta a sua missão e paixão, como proclama a "Lumen gentium": "Sendo Cristo a luz dos povos, este sacrossanto

23. Catechesi tradendae,
2

24. Evangelii nuntiandi,
2

Sínodo, congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente anunciar o Evangelho a toda a criatura e iluminar todos os homens com a claridade de Cristo que resplandece na face da Igreja".²⁵

Este primeiro e fundamental destaque é indispensável para captar tanto o alcance como as perspectivas da renovação da evangelização e da catequese. É indispensável para não avaliar ou programar o anúncio do Evangelho somente em termos de "quantidade" de iniciativas, mas para acolher-lhe e aprofundar-lhe a "*mudança qualitativa*" com respeito ao conteúdo, método, linguagem, ambientes e mediações, objetivos e agentes.

Toda a obra conciliar requer estímulos fortes para uma renovação do anúncio do Evangelho: das perspectivas sobre a Revelação²⁶ e sobre a Igreja²⁷ ao dinamismo da fé e da evangelização,²⁸ à reflexão sobre o homem e o mundo²⁹ e sobre as relações com as outras confissões, religiões, correntes de pensamento e "experiências" típicas do mundo contemporâneo.³⁰

Pontos focais

No Vaticano II o ministério da Palavra (colocado sempre em primeiro lugar nos três níveis do serviço pastoral do Bispo e do Presbítero!) é lançado corajosa e profundamente para novos rumos. Mais que um novo leque de temas interessantes, apresenta-se uma novidade de visão ou de perspectivas segundo as quais os temas são explicados. As novas direções, que iluminam o todo, são fundamentalmente três: a Palavra de Deus, o Homem e a Igreja.

O Concílio colocou Cristo no centro da reflexão e das atividades da fé: nele manifesta-se e é proclamada a Palavra de Deus; nele se esclarece e penetra, em definitivo, o mistério do Homem; a Ele refere-se nupcialmente a Igreja como "Corpo do Cristo" na história.

25. Lumen gentium, 1

26. Dei Verbum

27. Lumen gentium, Sacrosanctum Concilium, Gaudium et spes

28. Ad Gentes, Christus Dominus, Presbiterorum ordinis, Apostolicam auctoritatem, Inter mirifica, Gravissimum educationis

29. Gaudium et Spes

30. Orientalium ecclesiarum, Unitatis redintegratio, Nostra aetate, Dignitatis humanae

A *“Palavra de Deus”* dá ao Homem uma visão penetrante e global de toda a realidade e lhe faz compreender o significado da sua vocação. O Concílio quis que os crentes entrem em viva sintonia com a S. Escritura lida na própria língua e comentada dentro das celebrações litúrgicas; exigindo isso, não anunciou apenas um princípio, mas criou uma praxe que deve desembocar numa evangelização e catequese em que esteja em primeiro lugar a Palavra de Deus: a S. Escritura, não já como “subsídio”, ou “exemplo”, ou “argumento”, ou “citação”, acrescentada de fora a conteúdos vazados em outras matrizes, mas como matéria primeira e privilegiada de evangelização e catequese.

Também a volta para o Homem, o *“núcleo antropológico”*, é uma perspectiva mais que um tema: significa que tudo deve voltar-se para o Homem (“voltados, não desviados para o homem”! — Paulo VI); a ele precisamente é endereçada a Palavra de Deus, porque foi amado e criado de forma tão superior, que para ele o mistério de Deus não é simplesmente uma curiosidade intelectual mais ou menos de luxo, mas uma necessidade da sua existência, uma constante da sua história, o único horizonte verdadeiro do próprio projeto de futuro e o componente mais indispensável da sua salvação. A perspectiva antropológica implicará para o anúncio do Evangelho a necessidade de aprofundar problemas de aproximação, de linguagem e de comunicação, e de salientar a importância, não de segunda ordem, das ciências do homem no conjunto da qualificação pastoral.

Enfim, o acento colocado pelo Concílio sobre a Igreja comporta uma espécie de reviravolta da situação; sua consistência de “mistério” apresenta-a como o grande Sacramento dos séculos, no qual o “povo” é convocado e constituído pela Palavra de Deus; a “comunidade eclesial” nutre-se do conteúdo da Revela-

ção e permuta-o fraternalmente; ela é também o “lugar” de ressonância da verdade salvífica; é a guarda do “sentido da fé” que, com a guia dos Pastores, vai progressivamente esclarecendo, à luz dos eventos da história mais que através de análises semânticas; ela se torna, assim, a “servidora da humanidade” no seu crescimento até à idade perfeita.

Será difícil nestes dois próximos decênios dizer algo deveras útil na nossa missão juvenil e popular, se não se assumirem operativamente estas linhas de fundo. Não se trata, de fato, somente de “conteúdos”, mas de *novo enfoque qualitativo* da atividade evangelizadora e catequética para o homem de hoje. E é precisamente por esta razão que me alonguei um pouco sobre essas perspectivas de partida.

As principais iniciativas eclesiais do pós-concílio retomaram, aprofundaram, explicitaram, desenvolveram e precisaram, do ponto de vista pastoral, a visão amadurecida no Vaticano II. Assim foi que assistimos a um esforço geral de aplicação e renovação (pensemos, por exemplo, nas quatro Assembléias Gerais do Sínodo dos Bispos e nas duas Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín e Puebla) com tantos aspectos positivos.

Afirmaram-se instâncias inéditas sobre a conceituação e sobre a praxe da pastoral com maior sensibilidade antropológica. Repensaram-se e reestruturaram-se os centros e os meios de formação para o anúncio do Evangelho: programas, textos, institutos de pastoral e de catequética.

Esforço tão vasto comporta necessariamente problemas que não são simples: procuram-se novos caminhos e métodos, linguagem mais adaptada, integração entre fé e vida, busca de uma interdisciplinariedade orgânica, uso de novas possibilidades e técnicas pedagógicas, etc. Aqui e ali aparece também a unilateralidade, a contestação, a crise de identidade da

pastoral; já aludimos a certo sentido de incerteza e desconcerto: não é difícil citar experiências discutíveis e constatar tensões de integrismo ou de progressismo, quando não se captou a nova perspectiva da evangelização e da catequese.

Uma trilogia de base para a renovação da pastoral

De todo este processo eclesial emergem e adquirem valor alguns fatos, particularmente significativos para a pastoral, que interessam a Igreja universal: o Congresso Catequético Internacional (1971), a III Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos sobre a evangelização dos povos (1974), o Ano Santo voltado de maneira particular para a renovação do anúncio do Evangelho (1975), as várias reuniões episcopais de âmbito continental sobre o mesmo tema e, por fim, a IV Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos (1977) centrada sobre o tema da catequese em nosso tempo.

É no quadro de todos estes eventos eclesiais dos anos 70 que se apresentam os três grandes documentos magisteriais que constituem a trilogia de base da qual falamos.

O "Diretório Catequético Geral"

Este documento (11 de abril de 1971) assinala um *momento decisivo para os compromissos atuais da catequese*; ainda hoje "continua sendo o documento base para estimular e orientar a renovação catequética em toda a Igreja".³¹

Ele "tem como escopo fornecer os princípios fundamentais teológico-pastorais (...) para que, por eles, mais adequadamente se possa dirigir e organizar a ação pastoral do ministério da palavra (...). Somente se partirmos de uma forma correta de compreender a natureza e os fins da catequese como também

31. Catechesi tradendae,
2

das verdades que por ela se devem transmitir — levando na devida conta aqueles a quem a catequese se dirige e as condições em que vivem — é que poderemos evitar as falhas e erros que hoje não poucas vezes se constataam no campo catequético”.³²

32. Diretório Catequético Geral, próêmio

O documento salienta com cuidado especial o fato de que o anúncio do Evangelho é um ato da Tradição viva da Igreja; não só comunica o conteúdo da Revelação “encerrada com o tempo dos Apóstolos”, mas ajuda também, com a guia do magistério dos Pastores, a perceber as relações do Evangelho com os sinais dos tempos, aprofundando-lhe o conteúdo, aplicando-o às novas situações e discernindo “com autenticidade as formulações e explicações propostas pelos fiéis”.

“Daí se depreende ser necessário que o ministério da palavra apresente a revelação divina, tal como ensinada pelo Magistério, e também tal como expressa pela viva consciência e pela fé do povo de Deus, sob a vigilância do mesmo Magistério. Desta sorte, o ministério da palavra não constitui pura e simples repetição da doutrina antiga, mas fiel reprodução sua *com adaptação aos novos problemas e com uma compreensão crescente dela*”.³³

33. Diretório Catequético Geral, 13

O Diretório recolhe organicamente e unifica catequeticamente as perspectivas conciliares. Sobre a sua base (com as distintas partes: Atualidade do problema, Ministério da Palavra, Mensagem cristã, Metodologia, Catequese segundo a idade, Programação pastoral), surgem as instâncias catequéticas que deverão servir para compilar os diretórios nacionais e redigir os catecismos segundo a peculiaridade dos diversos contextos e regiões.

Certo, é preciso acrescentar que este programa de profunda renovação catequética causou alguma desorientação (mesmo entre alguns dos nossos). Trata-se de certas diferenças surgidas entre os que entraram na linha

proposta pelo Diretório e tentaram traduzi-la em termos operativos e os que, não tendo assimilado os pressupostos nem avaliado de maneira equânime as primeiras inseguranças próprias da mudança, permaneceram ancorados em fórmulas, metodologias e práticas anteriores; diferenças agravadas em alguns lugares também por certas defasagens, omissões e perigosas imprecisões talvez inevitáveis numa rodagem de tão vastas proporções.

A Exortação Apostólica "Evangelii nuntiandi"

O segundo documento (8 de dezembro de 1975) é de capital importância numa época que procura precisar o papel do Cristianismo na transformação do mundo. Ele proclama que a evangelização "*constitui a missão essencial da Igreja, (...) a sua identidade mais profunda*",³⁴ a sua contribuição original à missão histórica dos homens.³⁵

A evangelização exige clara percepção da "transcendência" do mistério de Cristo: o Evangelho não se identifica com os "sinais dos tempos", mas é de per si revelador do "Reino de Deus", anunciado por Jesus Cristo.³⁶ Ele exige, todavia, simultaneamente uma penetrante sensibilidade da "incarnação": o Evangelho é uma mensagem que envolve toda a vida humana e a sua história e que é particularmente sensível às exigências dos "sinais dos tempos".³⁷

A aproximação, o confronto, a diferenciação e a relação da evangelização com o conceito e o movimento histórico da libertação humana, sobre o qual se detém a exortação,³⁸ esclarecem o "*papel específico*" e próprio do anúncio do Evangelho, exposto, aliás, com clareza nas partes anteriores.

Há que relevar no documento a sua conceituação ampla e compreensiva da evangelização: "nenhuma definição parcial e fragmentá-

34. *Evangelii nuntiandi*,

14, 35, cf. 5, 15, 51, 81

36. cf. *Evangelii nuntiandi*, 6-12, 25-28

37. *Evangelho, cultura e linguagem: Evangelii nuntiandi*, 19-20, 22, 40, 50

38. cf. *Evangelii nuntiandi*, 30-38

ria pode dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização (...). É impossível captá-la se não se procurar abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais”³⁹ Não se restringe ao anúncio do Evangelho aos que o não conhecem, mas compreende uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado (...). É necessário encarar sempre cada um deles na sua integração com os demais.”⁴⁰

39. Evangelii nuntiandi,
17

40. Evangelii nuntiandi,
24

Assim é que uma justa programação pastoral é sempre “global” e não “setorial”, e preocupa-se em “compor” e não em “opor” entre si os vários elementos.

Compreende-se o *alcance renovador* de semelhante conceituação se temos presente que, antes, falava-se de evangelização quase somente com referência a determinada ação apostólica em “terras de missão”. Pois bem: dar lugar central a uma evangelização assim concebida, significa deslocar substancialmente o eixo de qualquer ação pastoral que vise garantir o amadurecimento de verdadeiros “crentes”.

É fácil enumerar algumas razões que motivaram essa *mudança de perspectiva*: o despedaçamento da situação de “cristandade”, o advento do pluralismo cultural e religioso, o vasto movimento de secularização e descristianização, a nova consciência de socialização e dos direitos da pessoa, etc. Isso tudo obriga a repensar a praxe pastoral tradicional no anúncio do Evangelho. Colocar-se em estado de evangelização significa, então, aceitar o desafio de uma espécie de “economia de mercado livre”, onde a fé não é mais um valor adquirido, aceito por todos, mas uma profecia de pessoas e de comunidades convictas, que testemunham na vida o que crêem na fé. Toda a ação pastoral

recebe nesta perspectiva uma dimensão inovadora de evangelização.

Para nós, é importante a recomendação dirigida aos Religiosos, não só quanto ao seu peculiar testemunho tecido de “pobreza e despojamento, de pureza e transparência, de abandono na obediência,”⁴¹ mas também porque o seu apostolado é “marcado por uma originalidade e por uma feição própria que lhes granjeia forçosamente admiração. São generosos: encontram-se com frequência nos postos de vanguarda da missão”⁴²

Na obra de evangelização estamos convidados para os postos avançados da missão com uma verdadeira originalidade carismática de vida e ação, ou seja, a reatualizar com audácia a índole própria do nosso Instituto⁴³, realizando assim, na Igreja, o Carisma de Dom Bosco.

A Exortação Apostólica “Catechesi tradendae”

O terceiro documento, enfim, apareceu justamente ao encerrar-se o decênio dos anos 70 (16 de outubro de 1979). Tanto na mensagem final do Sínodo-77 como na própria Exortação, emerge de maneira explícita e solene a importância da catequese na vida da comunidade cristã e na ação pastoral: “nos próximos dez anos a catequese será em todo o mundo o terreno natural e mais frutuoso para a renovação de toda a comunidade eclesial”⁴⁴

Nestes anos de um século prestes a terminar, a Igreja é convidada por Deus “a renovar a sua confiança na atividade catequética, como tarefa verdadeiramente primordial da sua missão. Ela é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos”.⁴⁵

A catequese merece ter a *prioridade* no conjunto da ação pastoral.⁴⁶

Podemos salientar algumas instâncias particulares no impulso dado ao movimento catequético:

41. Evange'lii nuntiandi, 69

42. Evangelii nuntiandi, 69

43. Mutuae relationes, 11-12

44. Mensagem do Sínodo sobre a catequese, 4

45. Catechesi tradendae, 15

46. Mensagem do Sínodo sobre a catequese 18; cf. Catechesi tradendae, 15

— a reconfirmação das linhas principais da “renovação” lançada pelo Concílio, olhando com otimismo os passos dados, embora se devam evitar alguns defeitos, para cuja correção o Sínodo apresentou orientações extraídas da experiência comum e da reflexão episcopal;

— a consideração da “complexidade” do ato catequético, que não se reduz a ensino, mas compreende ao mesmo tempo “palavra”, “memória” e “testemunho”,⁴⁷ e une em si de maneira indissolúvel:

- “o conhecimento da Palavra de Deus”,
- “a celebração da fé nos sacramentos” e
- “a confissão da fé na vida cotidiana;”⁴⁸

— a advertência para o valor exemplar do “catecumenato” como processo de base particularmente importante na situação atual.

O texto da Exortação de João Paulo II deve ler-se no contexto mais vasto do trabalho sinodal e de todo o movimento de desenvolvimento da evangelização e da catequese, intensificando-se com o aparecimento do “Diretório Catequético Geral”; este é confirmado no seu valor.⁴⁹ O Papa entende dar novo vigor às iniciativas da catequese, estimulando “a criatividade — com a necessária vigilância — (...) para difundir na Comunidade a alegria de levar ao mundo o mistério de Cristo”.⁵⁰

Instância prevalente é o lugar central dado à pessoa e ao mistério de Cristo:⁵¹ sujeito e objeto precípuo da catequese, Cristo é a “verdade” que se transmite, o “caminho” que se deve palmilhar, a “vida” de que se participa, o “único Mestre” que nos guia. O tema da centralidade do Cristo na autocompreensão do homem e no processo da sua salvação leva a conclusões de envolvimento total dos evangelizadores numa atitude coerente de discípulos fiéis.

47. Mensagem do Sínodo sobre a catequese, 8-10

48. cf. Mensagem do Sínodo sobre a catequese, 11

49. Catechesi tradendae, 18

50. Catechesi tradendae, 4

51. cf. Capítulo I

52. cf. Catechesi traden-
dae, 25

53. cf. Catechesi traden-
dae, 18

54. cf. Catechesi traden-
dae, 19

55. cf. Catechesi traden-
dae, 21, 22, 35

56. cf. Catechesi traden-
dae, 18, 22, 33, 37, 72

57. cf. Catechesi traden-
dae, 18, 19, 22, 25, 26,
47, 72

Da mesma sorte, ressalta a apresentação de uma conceituação ampla da catequese.⁵² A sua identidade requer verdadeira especificidade, distinta da evangelização inicial, embora a catequese seja, globalmente, uma “etapa da evangelização”, ou seja, um momento particularmente importante de todo o processo de crescimento na fé.⁵³ Ela é “*ensino*”, “*educação para a fé*” e “*iniciação na vida cristã*”; “faz amadurecer a fé inicial e educa o verdadeiro discípulo de Cristo”⁵⁴, desenvolvendo o primeiro anúncio. No seu aspecto de ensino, ela é aprofundamento de doutrina, ordenamento dos seus elementos, visão mais harmônica do conjunto da Revelação, exposição mais orgânica e sistemática⁵⁵, ainda que acompanhada sempre de aspectos de redescoberta e de início.⁵⁶ O Papa descreve-a justamente de diversos modos.⁵⁷

A Exortação sobre a catequese constitui também, no espírito do pontificado de João Paulo II, um *convite à prudência*, à objetividade eclesial e à seriedade profética na obra catequética, sobretudo com a sua insistência sobre a *integridade do conteúdo*.

Sintonia da Congregação

Os Salesianos não ficaram à margem deste movimento de Igreja. O nosso empenho está constelado de fatos verdadeiramente relevantes: esforço para a qualificação do pessoal; inclusão da catequética e disciplinas complementares nos programas de formação; preocupação pela multiplicação dos catequistas leigos; fundação de centros catequéticos ou como estruturas de animação ou como centros de produção e difusão de material e subsídios; esforço de recompreensão e de reprogramação de conteúdo e metodologia nos diversos am-

bientes, nem sempre com iguais resultados: serviços especializados a regiões e dioceses.⁵⁸

Os nossos vários Centros, já existentes, de estudo, de formação, de aplicação, de programação e difusão empenharam-se louvavelmente com múltiplas e qualificadas iniciativas a respeito.

Durante o decênio foi feito um trabalho não muito fácil de revisão a fundo da nossa Universidade Pontifícia. Quis-se melhorar nela a convergência das pesquisas e da docência das várias Faculdades para um centro de interesse comum e global constituído precisamente pela Pastoral Juvenil e pela Catequética. Finalmente tanta preocupação chegou a um objetivo de refundação que esperamos eficaz.⁵⁹

Em nível de reflexão e orientação geral na década dos anos 70, a Congregação condensou a sua experiência e as suas opções em dois documentos, sancionados pelos dois Capítulos Gerais 20 e 21.

“Evangelização e Catequese”

É o 3.º documento do Capítulo Geral Especial. Notamos que o “tema” tratado nele não estava previsto pelos numerosos esquemas pré-capitulares; foi pedido e acrescentado somente nos dias iniciais do Capítulo. Ele abre a série dos textos sobre a nossa ação pastoral⁶⁰ e lhe dá o tom fundamental; considera “a catequese juvenil como a primeira atividade do apostolado salesiano; ela pede por isso *repen-samento e reorganização de todas as obras em função prevalente da formação do homem para a fé*”⁶¹

Nascido no contexto de uma reflexão global sobre a nossa vida e missão, à luz das instâncias conciliares, e elaborado sob a inspiração próxima do “Diretório Geral”, o nosso documento assume-lhe totalmente as perspectivas e programas. Essa escolha de

58. cf. P. Ricceri: “Relatório sobre o estado da Congregação”, 31 de outubro de 1977.

59. cf. neste número dos Atos do Conselho Superior: “Carta ao Reitor”.

60. Documentos 4, 5, 6, 7

61. Capítulo Geral 19, citado no Capítulo Geral Especial, 279

fundo exprime-se na afirmação seguinte: “o documento tem presente a opção antropológica em todas as suas partes e põe em contínua relação entre si o homem concreto, a Palavra de Deus, a comunidade. Isto permite salientar a “prioridade da Palavra de Deus,” como critério primordial de renovação, e afirmar que todo o processo que se desenvolve pastoralmente do homem para Cristo inspira-se desde o início em Cristo”⁶²

62. Capítulo Geral Especial, 274.2

À luz desta “opção”, é preciso considerar a *sublinha* “Educativa”. O documento ressalta, com efeito, “o contexto educativo no qual sempre se desenvolveu a catequese na nossa Congregação”.⁶³ “Catequizar é mais que pregar, ensinar religião, dar catecismo; é toda uma ação educativa para ajudar o batizado a organizar globalmente os valores da sua personalidade do ponto de vista do Evangelho”⁶⁴.

63. Capítulo Geral Especial, 274.4

64. Capítulo Geral Especial, 307

Em torno destes “pontos” (A PALAVRA DE DEUS — O HOMEM — A MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA) concentram-se referências e alusões e delas promanam desenvolvimentos que não é possível expor detalhadamente nos limites desta carta: rescutar a PALAVRA,⁶⁵ anunciar a Palavra a partir de dentro do HOMEM,⁶⁶ testemunhar a Palavra,⁶⁷ catequizar através de autênticas COMUNIDADES,⁶⁸ evangelizar em “diálogo” com um mundo pluralista.

65. n. 382-288

66. n. 289-292

67. n. 293-296

68. n. 318-321

69. n. 297-300

*Toda a Inspeção é concebida como “comunidade a serviço” da evangelização: a ela “cabe a tarefa de renovar o impulso apostólico das comunidades e dos irmãos, a responsabilidade na formação do pessoal, o redimensionamento das obras para melhor evangelização e uma programação inspetorial da ação catequética”.*⁷⁰

70. Capítulo Geral Especial, 337

Os aspectos de uma educação integral para a fé segundo a praxe salesiana implicam: conduzir à pessoa de Jesus Cristo,⁷¹ ajudar a amadurecer uma personalidade cristã e uma

71. Constituições, 21

mentalidade de fé,⁷² iniciar à vida litúrgico-sacramental,⁷³ levar ao compromisso.⁷⁴

Síntese de conteúdo e metodologia, enfoque educativo e escolhas de orientação pastoral, é quanto o Capítulo Geral Especial 20 nos ofereceu no início dos anos 70 e nos oferece ainda, se formos capazes de não esquecê-lo e de aprender os seus estímulos.

“Os Salesianos evangelizadores dos jovens”

É o primeiro documento do Capítulo Geral 21, que visa aplicar as instâncias da “*Evangelii nuntiandi*” à área dos jovens segundo o projeto educativo e pastoral de Dom Bosco.

Consideradas como já adquiridas as colocações doutrinal-pastorais e as indicações fundamentais de método elaboradas pelo Diretório Catequético Geral e pelo Capítulo Geral Especial, o Capítulo Geral 21 concretiza algumas opções e sobretudo *insere organicamente a catequese num PROJETO EDUCATIVO*, repondo o Sistema Preventivo como síntese original de atitude profética, de critérios pastorais e de métodos de evangelização.

A opção *antropológica* traduzir-se-á numa exigência de aproximação constante à condição juvenil “mediante uma análise suficientemente séria,”⁷⁵ uma vez que a evangelização passa “sempre mais obrigatoriamente pela análise das situações de vida que incidem sobre a personalidade juvenil.”⁷⁶

Exprime-se também na realização da evangelização dentro de um projeto que visa à promoção total do homem e ao desenvolvimento integral dos indivíduos e dos grupos.⁷⁷

A *mediação comunitária* é posta em ação, à luz das inspirações da “*Evangelii nuntiandi*”, com o testemunho evangélico de uma comunidade religiosa animadora, isto é, aberta e servidora de uma comunidade mais ampla, educativa e pastoral, num intercâmbio de comu-

72. Constituições, 22

73. Constituições, 23

74. Capítulo Geral Especial, 315

75. Capítulo Geral 21, 30

76. Capítulo Geral 21, 20

77. Capítulo Geral 21, 81

nhão e de participação nos ideais, nas responsabilidades e nos programas.

A *Palavra se encarna* e se transmite num projeto que “não é simples pedagogia nem apenas catequese”, mas é síntese “de processos de promoção humana e, ao mesmo tempo, de anúncio evangélico e de aprofundamento da vida cristã”.⁷⁸

78. Capítulo Geral 21,
80

O processo completo implica, pois, que se assuma a vida do menino, valorizando os elementos e os fatos que a compõem até a um nível de “experiências educativas” (esporte, instrução, distensão, idealidade, grupos). Tudo inspirado, desde o início, pela palavra e pela presença de Cristo que se explicita segundo sábia gradualidade.

Porquanto é em continuidade com o empenho de maturação e de promoção dos valores mais especificamente humanos que se desenvolve a direção propriamente religiosa e cristã.⁷⁹

79. Capítulo Geral 21,
91

Por esta inserção da evangelização num projeto educativo a *dimensão cultural* não é secundária para a catequese; e não penetraria o segredo do Sistema Preventivo quem ainda colocasse as “atividades culturais” ou recreativas ao lado da catequese, simplesmente como instrumento de atração, mais do que como valor objetivo, ainda que subordinado, cuja riqueza e força educativa cumpre saber aprofundar.

Juntamente com esta modalidade realista, que exige a inserção da catequese num projeto integral de formação, fato de experiências, conteúdo, relações, clima e estilo, o Capítulo Geral 21 nos ajudou a salientar *alguns aspectos que devem ser tratados com privilégio* em nossa atividade evangelizadora e catequética; a iluminação através do ensino e da doutrina, da vida sacramental e litúrgica, da devoção mariana e da orientação vocacional.

Trata-se, agora, para cada Inspeção, de condensar tudo num projeto educativo inte-

gral, que seja, na prática, o caminho sobre o qual se mova a nossa conversão pós-conciliar.

Perspectivas, compromissos, propósitos

A rápida apresentação das riquezas pastorais que nos foram oferecidas nos eventos e orientações dos anos 70 tinha a finalidade de ajudar-nos a perceber e sintonizar as preocupações da Igreja, e a reconsiderar na sua luz as tarefas da Congregação.

Ser arautos nítidos do Evangelho

A nossa sensibilidade eclesial e uma docilidade concreta aos dois últimos Capítulos Gerais exigem que nos coloquemos *decididamente* “em estado de evangelização”. O que não requer tanto que se acrescentem atividades a mais ao nosso trabalho, quanto que ele seja *repensado globalmente* em função de um convincente testemunho e de um válido anúncio de Evangelho.

Tomemos na mão o primeiro documento do Capítulo Geral 21, que teve precisamente como escopo colocar a Congregação nesse “estado”, e vejamos como melhorar “a comunidade evangelizadora” e “a comunidade animadora”, como relançar “o projeto educativo e pastoral salesiano”, como incrementar “a fecundidade vocacional da nossa ação pastoral” e, enfim, como rever pastoralmente os nossos vários “ambientes e caminhos de evangelização”.

O *nosso trabalho educativo* deve ser, em toda parte e sempre, mesmo entre os não cristãos, *orientado positivamente a Cristo*. Com efeito, “o sistema educativo de Dom Bosco — diz-nos o Capítulo Geral — revela-se genial nas suas intuições e fecundo de possibilidades as mais variadas. Aplicado com flexibilidade, gradualidade e respeito sincero para com os valores humanos e religiosos presentes nas

culturas e religiões dos nossos destinatários, ele produz frutos fecundos no plano educativo, cria amizade e suscita simpatia em alunos e ex-alunos, libera grandes energias de bem e, em não poucos casos, coloca as premissas de um caminho livre de conversão à fé cristã”.⁸⁰

80. Capítulo Geral 21,
91

E para cada irmão todo trabalho educativo deve encontrar “*inspiração e motivações no Evangelho*. A luz que o ilumina e a meta última à qual conduz é Cristo. Fazer conhecer a Deus como Pai e encontrar sua vontade em todo momento e colaborar com Cristo para a chegada do seu Reino, é o fim último de toda e qualquer ação educativa salesiana”.⁸¹ E o que constitui o fim último das nossas intenções, deve ser o primeiro elemento energético do nosso impulso pastoral. No nosso projeto educativo, “Cristo é o fundamento; ele revela e promove o sentido novo da existência e transforma-a, capacitando o homem a viver de maneira divina, isto é, a pensar, querer e agir de acordo com o Evangelho, fazendo das bem-aventuranças a norma de sua vida”.⁸²

81. Capítulo Geral 21,
91

82. Capítulo Geral 21,
91

Mas depois, “*no plano religioso-cristão*, a ação salesiana tem por finalidade a educação para uma fé consciente e operante, para o despertar da esperança, do otimismo (servir ao Senhor na alegria) e *para a vida da graça*. Dá impulso à caridade em uma experiência integral de vida, alimentada por uma catequese viva e por uma pregação concreta e aderente. Ensina a descobrir e a amar a Igreja como sinal eficaz de comunhão e serviço a Deus e aos irmãos, e a ver no Papa o vínculo da unidade e caridade na Igreja. Faz viver a experiência de alegres e juvenis celebrações litúrgicas, com intensa participação na Eucaristia. Promove uma forte devoção à Virgem, Auxiliadora dos Cristãos, Mãe da graça, verdadeiro modelo de vida, de fé realizada e de pureza serena e vitoriosa. Educa e suscita uma vida de oração autêntica com particular cuidado em utilizar as formas

mais acessíveis e próximas da piedade juvenil e popular.⁸³

É, pois, imprescindível que recuperemos maior clareza de Evangelho na nossa vida e ação.

Empenhar-se na área cultural

Para anunciar o Cristo aos jovens é necessário sentir-se chamados a participar ativamente na gestação de uma nova cultura e conhecer concretamente a condição juvenil das várias culturas em que se opera. Para nós urge compreender e traduzir na prática a asserção capitular de “evangelizar educando e educar evangelizando”.

Mais de uma vez vos tenho lembrado este tema:⁸⁴ a nossa missão juvenil e popular situa-se no âmbito de uma cultura em gestação, nela gozando de privilégio o setor educativo.

Ora, os três grandes documentos magisteriais insistem nas indispensáveis relações entre evangelização e catequese, de um lado, e os valores e as modelidades concretas da cultura ou das culturas, de outro.

Bastará aqui reler algumas afirmações mais significativas. O “Diretório Catequético Geral”⁸⁵ lembra-nos que “a fé cristã, para deitar raízes em todas as culturas subsequentes, *exige explicitações e novas formas de expressão*. Embora as aspirações e desejos profundos, próprios da natureza e condição humanas, permaneçam fundamentalmente idênticos, contudo os homens de nossa época colocam *novas questões* acerca do sentido e importância da vida. Decerto, os *crentes de hoje não são absolutamente iguais aos crentes de épocas passadas*. Daí surge a necessidade de corroborar a continuidade da fé como também de *propor a mensagem da salvação em novas formas*”.⁸⁶ Portanto: urgência de novos caminhos pastorais para levar a mudança cultural.

83. Capítulo Geral 21, 91

84. Atos do Conselho Superior, 290, agosto de 1978, págs. 26-35; Atos do Conselho Superior, 292, abril-junho de 1979, págs. 6-8

85. cf. especialmente n. 2-9

86. Diretório Catequético Geral, 2

87. cf. especialment n. 19, 20, 40, 50

88. cf. Evangelii nuntiandi, 20

A Exortação “Evangelii nuntiandi”,⁸⁷ constatando o drama atual da “ruptura entre Evangelho e cultura”,⁸⁸ proclama claramente que “para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, *mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade*, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação”.⁸⁹

89. Evangelii nuntiandi, 19

Ou seja, descreve-nos explicita e amplamente em que deve consistir a capacidade evangelizadora de penetração e de fermento dos tecidos culturais.

Enfim, a “Catechesi tradendae”, ao falar-nos de “aculturação ou inculturação”, garante-nos que este neologismo “exprime muito bem um dos componentes do grande mistério da Encarnação”. Com efeito, deve-se dizer “da catequese, como da evangelização em geral, que ela é chamada a *levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas (...)*. Por um lado, a mensagem evangélica (...) transmite-se sempre através de um diálogo apostólico que se achará inevitavelmente inserido num diálogo de culturas; por outro lado, a força do Evangelho por toda parte é transformadora e regeneradora. (...). Os catequetas autênticos sabem que a catequese se há de “encarnar” nas diferentes culturas (...); eles não aceitam que a catequese se empobreça, por abdicação ou por uma atenuação da luz da sua mensagem e por adaptações (...) que porventura comprometessem o “bom depósito” da fé ou, ainda, por concessões em matéria de fé ou de moral; eles estão persuadidos de que a verdadeira catequese há de acabar por enriquecer essas culturas, ajudando-as a superar os aspectos deficientes ou até mesmo inumanos.

que nelas existam e comunicando aos valores lídimos delas a plenitude de Cristo".⁹⁰

90. Catechesi tradendae,
53

Eis aí, nesta Exortação de João Paulo II, também uma indicação concreta para superar perigos não imaginários de dominação das culturas sobre o Evangelho e um quadro de referência para rever e avaliar as modalidades práticas do nosso esforço de promover um diálogo entre Revelação e Humanismo, garantindo ao Evangelho o primado de interpelação, o fermento transformador e regenerador, a sintonia promotora de tudo o que é genuinamente humano, até poder acertar, com os Padres da Igreja, o princípio de encarnação formulado no famoso adágio: "o que não é assumido não é redimido"!

Os três textos magisteriais integram-se mutuamente num crescendo de convergência adquirida *em diferentes momentos históricos de reflexão*: o Diretório lança a necessidade de propor, em modo cultural novo, a mensagem evangélica; a "Evangelii nuntiandi" insiste em atingir os gânglios e os pontos vitais da cultura emergente; a "Catechesi tradendae", ao mesmo tempo que confirma ambos os aspectos, salienta quais devem ser os componentes de genuidade no diálogo com as culturas e exorciza-lhes os perigos.

Formar pessoas competentes

Como responder de maneira concreta ao apelo dos Pastores?

Penso, em primeiro lugar, que é para nós tarefa extremamente útil *conhecer e aprofundar em forma unitária* três documentos como base orientadora da renovação da nossa pastoral. Devia ser impensável que, nesta ou naquela Inspeção, eles não estejam influenciando sobre a ação salesiana e não plassem a mente dos irmãos e dos que colaboram no anúncio do Evangelho aos jovens. Uma simples e rápida

leitura desses textos, feita à distância e de forma independente um do outro, talvez sob a influência de comentários setoriais não isentos de preconceitos ideológicos, pode levar-nos a destaques parciais e defasados, tornando mais difícil a convergência que se encontra objetivamente na progressão histórica do exercício do Magistério contido neles e que se enriquece e integra numa visão de conjunto, mais completa e integral.

Devemos acrescentar, além disso, que o trabalho da Igreja neste campo absolutamente não terminou: apenas começou, ou melhor, está sempre começando. A nível de Conferências Episcopais e de Igrejas locais estão-se elaborando, por exemplo, os vários "catecismos". Pois bem: em tais iniciativas devemos sentir-nos particularmente interessados, com o propósito real de chegar a ser *colaboradores competentes*, de maneira especial no que respeita aos catequistas dos meninos, adolescentes e jovens. As contribuições da nossa experiência e competência deveriam influir sobre tais textos e nas várias iniciativas de evangelização e de catequese para a juventude da Igreja local.

E se é verdade que os "problemas" da evangelização e da catequese se abrem para novos horizontes, devemos sentir-nos fortemente interpelados por eles. Os três documentos deixam perceber, por exemplo, o *esforço de adaptação e de repensamento* que requerem, especialmente hoje, certos aspectos como o da linguagem, da pertinência realista com a condição dos destinatários, da incisividade vital e clara da mensagem, dos pontos estratégicos da animação evangélica das culturas. Os Salesianos deveriam, em toda parte, ser capazes de participar na difusão de idéias e projetos que se referem a este argumento. É preciso acolher generosamente o apelo do Papa à responsabilidade dos Religiosos, especialmente dos que, como nós, surgiram "para a educação

cristã dos meninos e dos jovens, sobretudo dos mais abandonados”.⁹¹

91. Catechesi tradendae, 65

Eis, então, que toda a possibilidade da nossa resposta é condicionada por um dado de fato muito palpável e exigente: *o empenho e o propósito para a formação de pessoas verdadeiramente competentes*, que unam uma adesão interior e salesiana ao Evangelho com a capacidade e perícia de comunicação. A formação de coirmãos neste campo será, pois, uma frente a ser tratada com privilégio, seja a nível de formação de base, seja a nível de especialização, ou a nível de atualização e de formação permanente.

Permanece mais do que nunca atual e obrigatória a orientação prática do Capítulo Geral Especial: *“Todo Salesiano é por vocação e missão um evangelizador, um catequista, sempre e em toda parte*. Por isso, ele deve encontrar nos períodos da sua formação peritos em catequese que o ajudem a realizar a união entre ensino religioso (e teológico) e ensino profano, entre experiência de vida comunitária e ação de pastoral direta. Apreendida esta arte, ponha-se com entusiasmo e constância à disposição da comunidade por toda a vida neste serviço prioritário de evangelizar e catequizar”.⁹²

92. Capítulo Geral Especial, 341

Dom Bosco nos interpela

Estamos seguros, queridos irmãos, de que, colocando-nos nestas linhas de trabalho, continuamos a missão de Dom Bosco e atualizamos as suas “opções”. Dele quero recordar apenas alguns traços, na esperança de que através deles consigamos colher alguns lampejos daquela originalidade que será também hoje a nossa melhor “contribuição” para uma Igreja evangelizadora.

É patente que o seu projeto educativo para a salvação dos jovens é intrínseca e extensivamente “catequético”. Assim como desejava a “Religião” como força elevante para a salvação da sociedade, da mesma maneira pensava que o Catecismo “nos oratórios festivos é a única táboa de salvação para tanta pobre juventude em meio à perversão geral”.⁹³

93. Memórias Biográficas, 9, pág. 61

A esse propósito obedeceu o primeiro início e desenvolvimento da sua obra; ele próprio no-lo lembra: “*Esta Sociedade no seu princípio era um simples catecismo*”.⁹⁴ E essa razão inicial permanece privilegiada também nas Constituições, nas quais Dom Bosco descreve o projeto de vida e ação dos Salesianos; na sua mais antiga redação o texto dizia: “O primeiro exercício de caridade consistirá em recolher jovens pobres e abandonados para instruí-los na santa religião católica, sobretudo nos dias festivos”.⁹⁵

94. Memorie Biografiche, 9, pág. 61

95. Arquivo Central Salesiano 022, fasc. 1.º, pág. 5, capítulo “Finalidade desta Congregação”, artigo 3.º

À luz desta finalidade concreta e global compreende-se por que considerava uma “ruína na raiz” estudar muito para si ou também pelo prestígio da ciência, mas com o abandono dos oratórios festivos, dos catecismos aos meninos...⁹⁶

96. cf. Memórias Biográficas, 17,38 7

O prazer de comunicar a palavra de Deus havia sido por outra parte um “dom seu” pessoal, que se havia manifestado desde a infância, o seu “momento de repouso e distração” durante os estudos de filosofia,⁹⁷ a “graça” pedida na ordenação sacerdotal, a indicação operativa do primeiro sonho (“põe-te (...) imediatamente a dar-lhes uma instrução”) e o “tema programático” do encontro com Bartolomeu Garelli “Se te desse catecismo só para ti, virias à aula? (...) Quando queres que comecemos o nosso catecismo?”.⁹⁸

97. cf. Memórias Biográficas, 1, 381

98. Memórias do Oratório, 126

Ao lado deste primeiro dado fundamental, isto é, a relevância do anúncio do Evangelho na sua obra educativa e pastoral, é interessante

salientar as três grandes mediações empregadas como veículo e ambiente para o seu trabalho de evangelização e catequese: a “*educação*” e as várias iniciativas culturais com que convocava, reunia e promovia os jovens; as “*publicações*” de divulgação com as quais atingia a classe dos trabalhadores e animava religiosamente a cultura do povo; os “*centros*” ou *lugares de piedade popular*, que têm como melhor exemplo o templo de Nossa Senhora Auxiliadora: neles o culto, as celebrações, a decoração e as iniciativas deviam levar à instrução e à prática do Evangelho.

Estas mediações juvenis e populares para os seus destinatários construíram também um “*estilo catequético*”; é possível constatá-lo nos escritos pessoais e nos “*momentos*” mais característicos que nos foram conservados pelos cronistas. “*Estilo*” que é feito substancialmente de aderência religiosa ao conteúdo da fé proposto pela Igreja, de adaptação à linguagem mais em uso e compreensível, sob medida sobretudo do menino do povo; donde a sua preferência pelos aspectos históricos⁹⁹ e pelo gênero narrativo, anedótico e didático, com a conseqüente concentração no necessário e a simplificação das formulações conceituais; o gosto e a arte do essencial das verdades de fé acima de modas e originalidades especulativas; o caráter prático, pelo qual, partindo do núcleo da fé, iluminam-se as atitudes e inspira-se o comportamento.

Mas o traço talvez mais original que torna Dom Bosco permanentemente simpático aos jovens, como anunciador do Evangelho, foi o de ter sabido inserir a sua “*aula de catecismo no enredo das opções cotidianas*”,¹⁰⁰ fazendo-a nascer no clima de alegria e participação que é conatural à natureza juvenil.

99. História Sagrada, História da Igreja, História dos Papas, História da Itália...

100. Capítulo Geral Especial, 275

Queridos irmãos, trabalhemos e dediquemo-nos ao estudo e à aplicação dos documentos que guiam a renovação da nossa pastoral. Talvez a melhor forma para concluir estas reflexões, tão pertinentes à nossa missão, seja a de juntos ouvirmos de novo o que a Personagem de idade viril, nobremente vestida, disse a Joãozinho no seu famoso sonho dos nove anos: “Não com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade deverás ganhar estes teus amigos. Põe-te então imediatamente a dar-lhes uma *instrução* sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude (...).

— Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?

— Eu te darei a *Mestra*, sob cuja direção poderás tornar-te sábio e sem a qual toda sabedoria se torna estultície.¹⁰¹

101. Memórias Biográficas, 1, 124

Que a Auxiliadora, Mãe da Igreja, nos ajude a todos a crescer em sabedoria e competência para evangelizar e catequizar a juventude.

Com afeto e esperança,

P. EGÍDIO VIGANÓ

Roma, 24 de fevereiro de 1980

P. S. Aproximando-se a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, recomendo atenção ao “Plano de animação mariana da Família Salesiana,” publicado mais adiante entre os “documentos”.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

D. Juan Edmundo VECCHI

O nosso empenho catequético

Guiados pelos esclarecimentos do Reitor-Mor quanto ao empenho catequético, eis alguns pontos práticos sobre os quais devemos concentrar atenção, esforços e recursos.

1. Os centros catequéticos

Os documentos dos anos 70-80 fazem insistente apelo à responsabilidade das Igrejas para que apóiem, coordenem e potencializem as iniciativas de aprofundamento do conteúdo catequético, de irradiação “maciça” da mensagem evangélica, de preparação de multiplicadores e de apoio ou cobertura dos agentes.

Os centros catequéticos obedecem a estas quatro finalidades. Com efeito, alguns através de cursos longos, médios e breves dedicam-se à qualificação dos catequistas; outros apóiam os agentes com subsídios audiovisuais e bibliográficos e atingem a massa com leituras catequéticas populares; outros participam na elaboração de programas e textos especializados; alguns cobrem toda a gama de serviços catequéticos supracitados.

Iniciados em 1941 com a fundação da *Libreria della Dottrina Cristiana* num esforço de relançamento catequético, os centros multiplicaram-se no último decênio.

Hoje, com diversa ação de influência e com objetivos diversificados, são pontos nevrálgicos para a vida e renovação da ação catequética na medida em que se consolidaram e continuam a desenvolver-se segundo o ritmo que os tempos requerem.

Deve-se relevar uma notável diferença de nível entre as zonas que gozaram da influência de um centro e as outras que não tiveram esse benefício.

A consolidação dependeu do fato de ter podido contar com a responsabilidade de uma ou de mais Inspetorias, e não somente com o entusiasmo de pessoas individualmente; do reforçamento do pessoal à proporção que a catequese requeria contribuições mais qualificadas; do esforço de criatividade e fidelidade pelo qual não se limitaram a repetir, mas fizeram propostas adequadas às novas exigências.

Todos estes fatores foram condicionados por uma conveniente coordenação na criação dos referidos centros, a fim de evitar duplicações inúteis ou atividades paralelas, com desperdício de pessoal e queda de rendimento.

Desta rápida análise emergem indicações, a fim de que as "novas presenças" possam cada dia mais constituir pontos de referência para a vitalidade da nossa ação catequética.

É conveniente, nas regiões em que existem dificuldades de língua ou distância, que as Inspetorias concorram para a criação ou para o desenvolvimento, se já existe, de um CENTRO, donde seja possível irradiar, contribuir para a reflexão da Igreja e animar a qualificação dos nossos e de outros agentes.

A co-responsabilidade das Inspetorias se manifestará em primeiro lugar na oferta de pessoal preparado. Atendo-nos aos dados que temos em mãos, há centros catequéticos que não contam com nenhum catequeta, mas somente com capitais e estruturas. Esse estado representa uma situação de precariedade que será superada a curto prazo. Mas existem também sob o nível de eficiência, especialmente em contextos de forte exigência de aprofundamento e progresso, centros que não contam com uma equipe em que sejam possíveis contribuições diversificadas, disponibilidade de tempo e de estudo para respostas criativas.

O artigo 27 das Constituições leva-nos a adaptar as obras e atividades "à evolução das necessidades e criando outras, mais de acordo com as novas exigências dos tempos". E, continuando na mesma linha, o artigo 29 esclarece que nós realizamos a nossa missão também por meio de serviços **ESPECIALIZADOS**".

Ora, as necessidades dos tempos, com sua dinâmica cultural típica, mostram a importância sem par dos "centros" com possibilidade de elaboração e difusão de mensagens. Já se disse

que hoje não são importantes somente as presenças “locais”, mas sobretudo as presenças “nodais”, isto é, nos pontos donde se influi. Isto nos diz que não é concebível deixar arrefecer um destes pontos em favor de uma presença menos influente, embora mais antiga.

A solidariedade entre as Inspetorias mostrar-se-á também no proverem, juntas, as estruturas necessárias para um rápido e normal desenvolvimento dos centros e na capacidade de resolver, sem comprometer os fins, eventuais dificuldades e problemas.

O CENTRO, outrossim, mais do que pela denominação, deve considerar-se “salesiano” pela orientação e pelo projeto que está a executar. Isto se inspirará nas características da ação salesiana e nas diretrizes atuais da Congregação: fidelidade à doutrina, adequação à linguagem e à psicologia dos jovens da classe popular, atenção às ciências do homem.

O Capítulo Geral Especial 20 pede à Congregação que favoreça “todo esforço para sustentar e criar os organismos que favorecem o estudo, a atualização (...) como (...) os vários CENTROS CATEQUÉTICOS”; “que potencialize os centros que se dedicam à difusão da palavra de Deus através dos meios de comunicação social” (Capítulo Geral Especial, 336).

A Congregação está representada nas diversas regiões pelas Inspetorias que exercem, juntas, a missão e dão a nossa contribuição original à Igreja.

2. A catequese na animação pastoral da Inspetoria

Aqui é o artigo primeiro dos Regulamentos que nos dá a indicação fundamental quando estabelece: “A comunidade inspetorial tem o encargo de estimular, coordenar e guiar a atividade evangélica. Cuida, pois, de renovar constantemente a TAREFA CATEQUÉTICA das comunidades, de redimensionar as obras com vistas a melhor evangelização e de organizar a FORMAÇÃO E A ATUALIZAÇÃO CATEQUÉTICA de todos os irmãos e a especialização de alguns deles e de antecipar com discreta programação as situações futuras”.

O Capítulo Geral Especial 20 pedia à Inspetoria colocasse “as próprias estruturas a serviço dos irmãos na tarefa da evangelização” e oferecia uma série de sugestões operativas para realizar essa indicação. Entre outras coisas, fazia votos para que cada

Inspetoria organizasse um **SERVIÇO ESPECIALIZADO** e ágil para animar a ação catequética (cf. Capítulo Geral Especial 20, 337).

O conceito global de Pastoral, dentro do qual se desenvolve a questão e a ação catequética, levou o Dicastério a indicar às Inspetorias que não procedessem por encargos “setoriais”, mas que integrassem numa única equipe os papéis de animação, assim como num projeto unitário se integram as diversas dimensões da ação pastoral educativa dos salesianos (cf. Animação Pastoral da Inspetoria, janeiro de 1979, n. 5,3,2,3).

Isto leva a uma união mais rica e coerente entre catequese, pedagogia, dados sociológicos e atividades concretas.

É evidente, porém, que a catequese permanece “a dimensão fundamental da nossa missão” (art. 20), que é a razão de ser das escolas (cf. Regulamentos, 8), a característica das nossas paróquias (cf. Regulamentos, 24), o tom dos nossos Centros juvenis (cf. Regulamentos, 5).

Ora, como é possível animar a dimensão fundamental da nossa missão numa hora de evolução de linguagem, de nova relação entre atividade cultural e evangelização, de reformulações catequéticas em vista da nova mentalidade e das novas experiências juvenis, de mudança de método pela irrupção da imagem, sem o **SERVIÇO ESPECIALIZADO** de que falava o Capítulo Geral Especial 20?

Impõe-se então à Inspetoria a obrigação de cuidar, de maneira programada, da qualificação de um número suficiente de irmãos. O critério que guia essas programações deve ser “máximo”, não “mínimo”, segundo as possibilidades atuais da Inspetoria, mas também segundo prudente previsão das exigências pastorais de amanhã.

3. A comunidade local a serviço da catequese

A prioridade de valor da dimensão catequética requer da comunidade local, que dirige e anima uma obra, uma série de medidas que o artigo 2 dos Regulamentos enuncia assim: “Cada comunidade local programará no plano pastoral as atividades catequéticas, reverá periodicamente a orientação e a incidência evangelizadora do próprio trabalho, preparará os catequistas e para eles manterá atualizados os necessários subsídios”.

O Capítulo Geral Especial 20, passando dos elementos organizativos às atitudes, sublinha que, para tornar-se evangelizadora, a comunidade salesiana deverá “operar uma mudança de mentalidade, adotar um estilo comunitário de reflexão e ação e tornar-se presente ao mundo de maneira nova” (cf. Capítulo Geral Especial 20, 339).

Recomenda, pois, que se torne uma comunidade de escuta que junto medita e comenta a palavra de Deus; uma comunidade de busca que aceita uma revisão periódica e real do próprio trabalho apostólico e do papel efetivo que cada um desenvolve na catequese.

Por outra parte, o artigo 193 das Constituições pede às Inspeções que estabeleçam a figura e as tarefas dos responsáveis pelos principais setores das Comunidades educativo-pastorais (cf. Constituições, 193).

Nesta sucessão de ordenamentos harmonizam-se duas instâncias: que toda a comunidade se sinta envolvida no trabalho catequético evangelizador e não o delegue apenas a alguns; a necessidade de “papéis” especiais que chamem a atenção da comunidade ocupada em muitas e diversas frentes, que repropõem os temas, que ajudem a resolver as dificuldades, que tomem sobre si uma parte do trabalho sem, porém, “liberar” ou desresponsabilizar os demais irmãos.

Em algumas comunidades temeu-se que este novo modo de conceber as coisas poderia “desestabilizar” a ordem precedente, baseada nos “encarregados”, e criar um vazio de responsabilidade. Não tendo adotado uma dinâmica comunitária nova, não puderam sequer provar a validade da proposta feita pelas Constituições e pelos Atos do Capítulo Geral.

Não faltaram comunidades que interpretaram as indicações como abolição dos papéis. Ao passo que, na verdade, é uma mudança de exercício e de funcionamento desses papéis. Isto é fundamental!

Onde se combinaram as duas coisas, isto é, a nova maneira de conceber o papel e a participação e envolvimento comunitário, não há dúvida de que as coisas progrediram de maneira notável. Antes, em não poucas comunidades o papel pessoal enriqueceu-se com um departamento de CULTURA RELIGIOSA E EDUCAÇÃO PARA A FÉ, formado por salesianos, jovens e colaboradores

leigos que pensam em primeira pessoa nas diversas iniciativas com as quais responder às necessidades do ambiente.

O artigo 2 dos Regulamentos requer também a atualização dos subsídios: ambientes, material bibliográfico estável e corrente, instrumentos e meios didáticos atualizados. É este também um ponto de exame que não se deve descuidar para avaliar o nível atingido pelo interesse catequético no conjunto das preocupações.

4. A multiplicação dos agentes e a formação dos catequistas

O Capítulo Geral Especial 20 afirma que “a formação catequética tem prioridade sobre a renovação dos textos e sobre o reforçamento da organização catequética” (cf. Capítulo Geral Especial 20,340).

Sobre este ponto, há nas páginas precedentes a palavra autorizada do Reitor-Mor dirigida aos salesianos. A mim me cabe acentuar um ponto ligado a este: a **FORMAÇÃO DOS CATEQUISTAS LEIGOS**.

O leit-motiv que se repete nos três documentos do decênio é que toda a Igreja é responsável pela catequese e nela está comprometida. “Catechesi tradendae” dedica um capítulo a percorrer um por um os ambientes e lugares de catequese, animando os cristãos que neles trabalham (cf. cap. IX). Dedicando depois palavras cheias de agradecimento e esperança aos catequistas leigos (n. 66) e vê no reflorescimento desses agentes uma graça do Senhor e ao mesmo tempo “um desafio à nossa responsabilidade de pastores” (cf. n. 71).

A formação dos colaboradores pode ser confiada aos centros; isto, entretanto, não é possível em todas as partes. Além disso, a formação dos catequistas é particularmente eficiente quando feita na mesma comunidade em que eles partilham e oferecem a Palavra de Deus.

Por isso toda comunidade salesiana é chamada a ampliar as próprias possibilidades, envolvendo e acompanhando com uma formação contínua os próprios catequistas, quer nos ambientes paroquiais, quer nos escolares, em centros juvenis ou em presenças missionárias.

5. Pessoas e bens materiais

“Que as comunidades consagrem o máximo de suas capacidades e possibilidades à obra específica da catequese” (Catechesi tradendae, 65), é a palavra de João Paulo II aos religiosos. Não é diversa a diretriz do Capítulo Geral 21 quando estabelece: “Os Salesianos intensificarão seu compromisso catequético... aceitando dedicar todas as suas forças à atividade catequética juntamente com a de evangelização” (Capítulo Geral 21, 95).

Trata-se aí das pessoas. Mas há outro ponto muito concreto e mensurável: os bens materiais. O Papa vê, na ajuda material, a melhor contribuição para as Igrejas necessitadas, oferecida pelas Igrejas mais favorecidas à obra catequética. “Que é que uma Igreja poderá dar a outra melhor do que ajudá-la a crescer por si mesma como Igreja?” (n. 71).

Também o nosso Capítulo Geral Especial 20 pede que se dê “prioridade financeira” às necessidades da catequese (cf. n. 340), manifestando assim um traço da nossa pobreza que consiste em pôr os bens que recebemos a serviço da Palavra de Deus.

É fácil, percorrendo os balanços, verificar a importância que uma comunidade deu a essa indicação. A nossa missão atual não consiste tanto em garantir condições econômicas às gerações seguintes, às quais Deus proverá como proveu a nós, quanto em empregar logo tempo, pessoas e bens na difusão da Palavra, que é urgência tão grande que não se pode subordinar a outras também legítimas em si mesmas.

6. Zelo inventivo

Após afirmar que “a atividade evangelizadora e catequética constitui a dimensão fundamental da nossa missão”, o artigo 20 das Constituições acrescenta: “Este serviço, mais urgente num mundo pluralista, requer de nós zelo ARDENTE E INVENTIVO...”.

Seria confortador apresentar aqui muitas experiências já em ato de irmãos e comunidades que demonstram a realidade histórica desta indicação das Constituições.

O zelo ardente e inventivo é posto em relação especial com o “mundo pluralista”. É importante, pois, saber onde aplicar hoje com fruto a capacidade inventiva, para não desperdiçar

energias e para garantir continuidade e eficácia à nossa ação. "Catechesi tradendae" fala de uma "paixão pela catequese que é preciso suscitar e alimentar", mas que deve encarnar-se de maneira adequada, pondo em ação pessoas, meios e instrumentos (cf. n. 63).

As sugestões expostas, tomadas dos documentos que marcaram o esforço catequético e evangelizador da Igreja e da Congregação, são indicações autorizadas que nos estimulam e julgam.

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

Indicação da duração da profissão religiosa

Para evitar interpretações erradas quanto à indicação da duração da profissão religiosa de um irmão, os secretários inspetoriais limitem-se a especificar na folha da profissão se os votos emitidos são anuais, trienais, até o serviço militar (a. s. m.) ou perpétuos, omitindo qualquer outra letra ou número.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

4.1 Sessão plenária (novembro de 1979 — janeiro de 1980)

Argumentos inscritos na ordem do dia para a sessão plenária do Conselho Superior, de 5 de novembro de 1979 a 5 de janeiro de 1980.

A. Assuntos de administração ordinária: aprovações e autorizações, dispensas várias, prorrogações e ratificações, etc.

B. Argumentos gerais:

● Relações informativas do Reitor-Mor e dos Superiores do Conselho das visitas feitas às Inspetorias de agosto a outubro.

● Relações das visitas canônicas nas Inspetorias de Porto Alegre, Oakleigh, Makati, Ljubljana e México.

● Nomeação de novos Inspetores para as Inspetorias de Bangkok, Oxford, Assunção, Manaus e Córdoba (Argentina).

● 'Ratio Institutionis' e 'Ratio Studiorum': exame do projeto.

● Aprofundamentos doutrinários e operativos acerca da Família Salesiana, à luz do Capítulo Geral Especial e do Capítulo Geral 21.

● Exame e aprovação do Regulamento da Conferência dos Inspetores Salesianos da Itália (CISI).

● Projeto de realização de uma comunidade internacional de formação sacerdotal em Roma.

● Exame do projeto do Manual do Diretor.

● Encaminhamento do Centro Histórico Salesiano.

● Cristérios de admissão à profissão perpétua.

● Relação acerca da eventual participação na atividade de uma estação de rádio e televisão.

● Hipótese de uma divisão das Inspetorias polonesas.

● Acolhida salesiana à Exortação Apostólica "Catechesi tradendae".

● Acerto das Visitas em conjunto e das Visitas canônicas por fazer de janeiro a maio de 1980.

4.2 Visitas

★ Visita do Reitor-Mor.

■ Visita "extraordinária" (Regulamentos, 127), feita ordinariamente pelo Conselheiro Regional.

Δ Visita de animação, encontros por setores e para atividades específicas.

* Visita em conjunto: encontros do Reitor-Mor e alguns membros do Conselho Superior com grupos de Inspectores e seus Conselheiros para a execução dos Capítulos Gerais.

	janeiro	fevereiro	março	abril	maio
ÁFRICA CENTRAL					★ *
ANTILHAS			Δ		
ARGENTINA Buenos Aires		Δ	Δ		
ARGENTINA Bahía Blanca	Δ			Δ	
ARGENTINA Córdoba		Δ			
ARGENTINA La Plata			Δ		
ARGENTINA Rosário					
AUSTRÁLIA					
AUSTRIA					
BÉLGICA (Norte)		★ *			
BÉLGICA (Sul)					
BOLÍVIA					
BRASIL Belo Horizonte		■	■	■	■
BRASIL Campo Grande					
BRASIL Manaus				■ ₁	■
BRASIL Porto Alegre			Δ		
BRASIL Recife			Δ		
BRASIL São Paulo	Δ	Δ			
AMÉRICA CENTRAL	Δ				
TCHECO-ESLOVÁQUIA Bratislávia					
TCHECO-ESLOVÁQUIA Praga					
CHILE					Δ
CHINA		Δ	Δ Δ		
COLÓMBIA Bogotá		■ ₂	■		
COLÓMBIA Medellín		■	■		
EQUADOR					Δ
FILIPINAS		Δ ₃			
FRANÇA Lyon	Δ				
FRANÇA Paris	Δ				
ALEMANHA Colônia		* Δ			
ALEMANHA Munique	★ * Δ				
JAPÃO		Δ	■ Δ Δ ₃	■ ₄	■
GRã-BRETANHA	Δ				
ÍNDIA Bombaim	Δ	Δ			
ÍNDIA Calcutá		Δ ₃			
ÍNDIA Gauhati		Δ ₃			
ÍNDIA Bangalore		Δ Δ ₃			

	janeiro	fevereiro	março	abril	maio
ÍNDIA Madrastra		Δ Δ3			
IRLANDA	■5	✱ ■ *	■6	■	■
ITÁLIA Adriática	Δ				
ITÁLIA Central	Δ				
ITÁLIA Ligure-Toscana	■7	■	■		
ITÁLIA Lombardo-Emiliana			Δ		
ITÁLIA Meridional					
ITÁLIA Novarese-Helvética	Δ				
ITÁLIA Romano-Sarda				Δ	
ITÁLIA Sícula	■	■	■	■	
ITÁLIA Subalpina	Δ				
ITÁLIA Veneza (V.-Este))	■8	■	■		
ITÁLIA Verona (V.-Oeste)					
JUGOSLÁVIA Ljubljana				*	
JUGOSLÁVIA Zagreb				*	
CORÉIA		Δ3	■4	■	
ORIENTE MÉDIO			■		
MÉXICO Guadalajara	Δ	■	■		
MÉXICO México	Δ				
HOLANDA	Δ	✱ ■	■		
PARAGUAI					
PERU				■	■
POLÓNIA Cracóvia				✱ *	
POLÓNIA Varsóvia				✱ *	
PORTUGAL		Δ Δ			
Casa Geral					
Università-Opera PAS	■9	■	■		
ESPAÑA Barcelona	■	■	■ Δ3	Δ	
ESPAÑA Bilbau					
ESPAÑA Córdoba					
ESPAÑA León					Δ
ESPAÑA Madri	Δ	Δ Δ			Δ
ESPAÑA Sevilha					
ESPAÑA Valência				■	■
ESTADOS UNIDOS Este (N.R.)					
ESTADOS UNIDOS Oeste (S.F.)					
TAILÂNDIA		Δ3 Δ			
HUNGRIA					
URUGUAI		Δ			
VENEZUELA					
VIETNÃ					

1. Visitador: P. Antônio MELIDA
2. Visitadores: P. Sérgio CUEVAS junto com o P. Bernardo TOHILL
3. P. Caetano SCRIVO
4. Japão e Coréia

5. Irlanda e África do Sul
6. África do Sul
7. Visitador: P. Pascoal LIBERATORE
8. Visitador: P. Hugo SANTUCCI
9. Visitador: P. Juvenal DHO

4.3 Crônica do Reitor-Mor

De 13 a 17 de janeiro, o Reitor-Mor esteve em Benediktbeuern, acompanhado pelo Regional P. Vanseveren, pelo P. Vecchi e pelo P. Raineri, para o encontro programado com os três Inspetores e Conselhos de língua alemã. Muita fraternidade e proveitoso trabalho de revisão e programação sobre as grandes linhas do Capítulo Geral 21; de modo particular: a comunidade salesiana na tensão entre empenho religioso e serviço apostólico; a formação; problemas da Pastoral juvenil: esclarecimentos sobre a Família Salesiana; o exercício da autoridade e a animação.

Celebrou depois a festa de Dom Bosco em Turim, na Casa-Mãe reestruturada, aproveitando também para um encontro com os Diretores das Inspetorias Central e Subalpina, que para isso tinham vindo a Valdocco; visitou o Estudante da Crocetta; dialogou com a Comunidade do Centro de Leumann sobre problemas concretos de empenho catequético.

De 14 a 18 de fevereiro esteve em Bruxelas. Desta vez, além do Regional, estavam com ele o P. Dho e o P. Vecchi. As reuniões com os Inspetores e Conselhos da Bélgica (Norte) e da Holanda foram muito concretas, levando em conta também as conclusões do Sínodo dos Bispos holandeses, no qual participou, por nomeação do Papa, o Inspetor P. Adriano Van Luyn. Tratados num clima de realismo e fidelidade, os temas foram: uma estratégia apropriada de pastoral juvenil; concretidade e gradualidade no relançamento da Família Salesiana; prioridades que garantir na formação inicial e permanente; importância da dimensão comunitária na vida salesiana.

O Regional P. Williams, o Inspetor e o Vigário da Irlanda acompanharam-no numa terceira viagem, que o levou à África do Sul. Chegado a 22 de fevereiro, o P. Viganó manteve contatos com Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora na província da Cidade do Cabo e na Suazilândia; nos limites com Moçambique esteve com os 8 irmãos e as Filhas de Maria Auxiliadora que ainda trabalham naquela república; finalmente dirigiu-se ao Transvaal (Pretória e Johannesburg). Os seus encontros deram destaque sobretudo às várias tribos africanas com as quais trabalham os nossos irmãos, os mestiços e os grupos de emigrados (de modo especial portugueses) entre os quais temos paróquias muito ativas e onde trabalham as Filhas de Maria Auxiliadora.

A 3 de março regressou a Roma. Aqui, como nos cinco dias seguintes, participou da Reunião Plenária da Sagrada Congregação dos Religiosos, que tratou do tema "A dimensão contemplativa de toda vida religiosa".

4.4 O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

P. Juan Edmundo VECCHI

No mês de janeiro o Dicastério enviou a todas as Inspetorias uma "Comunicação" para favorecer o intercâmbio recíproco.

Na primeira parte da comunicação evidenciam-se as opções que o Dicastério está apresentando nas suas propostas e subsídios. As equipes inspetoriais poderão assim colocar sua resposta numa linha lógica e progressiva.

Informa-se também sobre os trabalhos realizados, sobre as

próximas etapas e datas de programas que resultaram do diálogo com as Inspetorias que se comunicaram com o Dicastério.

Na segunda parte apresenta-se rápida síntese dos trabalhos do Corpo Consultivo das Paróquias, realizados na Pisana de 30 de novembro a 3 de dezembro de 1979. São postos em evidência temas e conclusões.

Estas comunicações tendem a estabelecer um diálogo eficaz entre as Inspetorias e o Dicastério para a Pastoral Juvenil. Será interessante receber informações, reações e propostas.

O Dicastério organizou, ainda, nos dias 20-25 de janeiro, a SEMANA DE ESPIRITUALIDADE da Família Salesiana.

Desde 1973 é um encontro anual de grande importância. A edição de 1980 centrava-se no tema: "O Sistema Preventivo vivido como caminho de santidade salesiana".

Abordado em 1974 sob o aspecto pedagógico-pastoral, o tema do Sistema Preventivo emergiu na semana como uma experiência de vida em Deus, vivida com os jovens e para os jovens: ou seja, como espiritualidade.

Registrou-se uma presença satisfatória de irmãos Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Voluntárias de Dom Bosco e outros representantes dos ramos da Família Salesiana, pertencentes a mais de trinta nações.

Foi salientado o nexo entre a inspiração que cria determinadas atitudes profundas da pessoa e o método pedagógico e pastoral que guia a modalidade da ação e o estilo de presença. Apareceu — como disse a Rádio Vaticano numa transmissão nos dias do encontro — "o êxtase de um espírito decididamente encarnado no cotidiano".

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil tomou parte também no encontro do Reitor-Mor com os conselhos inspetoriais das Inspetorias da Alemanha, Austria, Holanda e Bélgica do Norte.

4.5 O Conselheiro para as Missões

P. Bernardo TOHILL

Em janeiro apresentou ao Capítulo Inspetorial da Lombardo-Emiliana, reunido em Como, a Nova Fronteira Africana, e convidou-o a tomar em consideração a eventual assunção de alguns compromissos que a Congregação pretende encaminhar prioritariamente naquele continente.

No mesmo mês visitou rapidamente algumas procuradorias inspetoriais para as missões na Inglaterra, Irlanda, Holanda, Bélgica, Alemanha, Suíça e França.

A 15, 16 e 17 de fevereiro assistiu à quinta reunião dos encarregados inspetoriais para a animação missionária da Família Salesiana na Espanha. O encontro realizou-se em Majadahonda (Madri), coincidindo com a reunião dos delegados para as missões da Conferência dos Religiosos da Espanha.

Em março fez a visita canónica extraordinária à Prefeitura Apostólica de Ariari, Colômbia, enquanto que o Conselheiro Regional fazia a visita extraordinária a outras obras, também na Inspetoria de Bogotá.

Compromissos Missionários

O Dicastério para as Missões prossegue na sua tarefa de receber e examinar os muitos pedidos de pessoal que continuam a chegar da África. O P. Harry Rasmussen, encarregado de interessar-se pelas

novas fundações na África, dedicou grande parte do mês de dezembro e todo o mês de janeiro a encontros com vários bispos na Libéria, Gana, Costa do Marfim e na República da África Central, a fim de conhecer diretamente as necessidades pastorais e missionárias das várias dioceses: relatou sua missão ao Dicastério para definir os nossos programas.

A Inspeção de León (Espanha) enviou alguns irmãos ao Senegal e logo enviará outros: após estudar a língua local, ocupar-se-ão da direção de uma missão e de uma escola de artes e ofícios.

A Inspeção de Madri já enviou 7 irmãos à Guiné Equatorial e enviará ainda outros para três novas presenças: esta nação merece o nosso interesse porque sofre muito ultimamente.

Já chegou a Quênia o primeiro salesiano, o qual, enquanto estuda a língua, vai preparando o lugar para outros irmãos, que partirão para o Quênia nos próximos meses.

O primeiro irmão destinado à nova presença no Sudão encontra-se presentemente no Egito, onde estuda a língua árabe e aguarda o visto de entrada no Sudão.

As cinco Inspeções da Índia designaram três irmãos cada uma para as novas missões africanas.

Dos vinte e cinco irmãos do Brasil que se ofereceram para Angola, onde se fala português, foram escolhidos seis. Estão aguardando o visto a fim de partirem para as duas missões a que foram destinados.

A Conferência Inspeção da Argentina e várias outras Inspeções estudam com seriedade compromissos concretos de apostolado na África: o Dicastério está se entendendo com elas para levar a efeito o programa.

A 8 de dezembro de 1979, em Manila, o Cardeal Agnelo Rossi, Prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, entregou o crucifixo a seis irmãos da Inspeção filipina. Eles partirão para Nova Guiné, onde assumirão a direção de uma incipiente escola de artes e ofícios e farão ao mesmo tempo apostolado missionário entre os aborígenes da Papuásia.

O Fundo da Solidariedade Fraternal recebeu apreciáveis contribuições das Inspeções nestes últimos meses: do começo (31.3.1969) até agora, ultrapassou os novecentos milhões de liras, como consta da 31.ª relação, apresentada neste número dos Atos do Conselho Superior.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Polónia: novas Inspetorias

Carta do Reitor-Mor aos Inspetores e às Comunidades Inspetoriais de Cracóvia e de Varsóvia (Polónia)

Roma, 6 de janeiro de 1980
Solenidade da Epifania

Caríssimos irmãos,

Não poucas vezes nestes anos atraiu a minha atenção e a dos membros do Conselho Superior o desenvolvimento e a situação consoladora da vocação salesiana na Polónia. O exemplo luminoso do Ven. Augusto Czartoryski e de tantos outros elementos generosos que o seguiram, entre os quais excele a figura do segundo Cardeal Salesiano, Augusto Hlond, e depois o sacrifício da vida de sessenta e sete irmãos nos campos de concentração e de muitos outros na guerra, foram sementes muito fecundas. E deve também acrescentar-se a constante e válida contribuição de muitos missionários, entre os quais emerge o Servo de Deus P. Rodolfo Komorek. Por isso é que, mesmo em condições desfavoráveis, antes grandemente difíceis, houve e continua havendo na nobre terra polonesa um belo florescimento de vocações.

A vós, queridos irmãos, as mais vivas congratulações. E todos juntos agradecemos ao Doador de todo bem. É um testemunho maciço de fé católica que hoje todos vêem expresso no cume mais alto

da Igreja na figura admirável do Papa João Paulo II.

Esta consoladora situação e o número elevado e crescente dos irmãos fizeram surgir o problema da reestruturação da nossa Obra na Polónia, de modo a melhor favorecer-lhe a vitalidade e expansão. Foi assim que se procedeu, dentro das possibilidades da situação, uma consulta especial aos Inspetores, Conselhos Inspetoriais e Diretores.

Os irmãos consultados propuseram razões significativas para a reestruturação. A grande maioria deles indicou que a divisão das Inspetorias existentes poderia proporcionar as seguintes vantagens:

— diminuir as distâncias e o número considerável de irmãos das atuais Inspetorias;

— favorecer o incremento das relações mútuas entre o Inspetor, as Comunidades e os irmãos, e facilitar ao Inspetor suas incumbências de visita, direção e animação;

— solicitar a renovação da vida religiosa e mobilizar a união das forças na co-participação e co-responsabilidade;

— e assim infundir maior dinamismo ao zelo apostólico e à realização da missão salesiana, de modo particular no cuidado das vocações;

— tornar mais fácil e menos dispendiosa a administração.



Inspetorias polonesas:

CRACÓVIA “São Jacinto”, 1933

WROCLAW “São João Bosco”, 1980

ŁÓDŹ (CRACÓVIA): “Santo Estanislau Kostka”, 1933

PIŁA “Santo Adalberto”, 1980

Decidiu-se então erigir novas inspetorias, dividindo em duas cada uma das existentes.

É mais do que evidente que isso não deve ser um fato puramente jurídico. A nova realidade estrutural constitui um compromisso preciso e estimulante para todos os irmãos. De modo especial desejo incitar-vos:

— a aprofundar a dimensão comunitária do nosso estilo de vida religiosa e de atividade;

— a desenvolver o sentido de co-responsabilidade na Comunidade inspetorial e nas locais;

— a uma adequação sempre melhor àquilo que foi posto em evidência sobretudo pelo Capítulo Geral 21 sobre o papel do Diretor como animador da comunidade;

— a cultivar o intercâmbio, a comunhão fraterna e a unidade salesiana entre as quatro Inspeorias com iniciativas novas e vinculatórias.

Empenhai-vos de modo particular e de comum acordo na tarefa sempre muito exigente da formação, seja da formação inicial seja da permanente. E além disso cuidai com diligência da identidade salesiana na vossa missão apostólica atual: com especial atenção para a Pastoral Juvenil (Projeto Educativo, Catequese). E tenha sempre um lugar distinto a animação vocacional e a missionária.

Eis, queridos irmãos, quanto senti necessidade de dizer-vos nesta circunstância que premeia o trabalho salesiano vosso e de quantos vos precederam. Faço os mais ardentes votos para que colhai belos e abundantes frutos, para vossa santificação pessoal, a exemplo do Ven. P. Augusto Czartoryski e do Servo de Deus P. Rodolfo Komorek, e para o vosso apostolado salesiano. De Czesto-

chowa proteja-vos todos os dias a nossa Celeste Mãe Auxiliadora, e Dom Bosco interceda por vós. Acompanha vos todos os dias a minha oração.

Saudações cordiais.

Com o afeto de Dom Bosco,

P. EGÍDIO VIGANÓ

5.2 Nomeações

1. *O Reitor-Mor no Sínodo dos Bispos*

O Papa ratificou a eleição, efetuada pela União dos Superiores Maiores, de 10 Superiores Gerais, que representarão os Institutos religiosos masculinos no próximo Sínodo dos Bispos programado para o próximo outono: entre eles está o nosso Reitor-Mor, P. Egídio Viganó.

2. *Nomeação de novos Inspetores*

O Conselho Superior nomeou os seguintes Inspetores:

P. Eduardo GIORDA para Córdoba (Argentina)

P. Walter AZEVEDO para Manaus (Brasil)

P. Carlos GIACOMUZZI para o Paraguai

P. Ramón GARCÍA SANTOS para a Tailândia

3. *Após a ereção de uma nova circunscrição eclesiástica no Brasil, em 7 de dezembro de 1979, o Papa nomeou:*

— Bispo de Porto Velho a Dom João Batista COSTA, que era Prelado dessa Sede.

— Bispo de Humaitá a Dom Miguel D'AVERSA, que era Prelado dessa Sede.

4. *A Associação Holandesa dos Sacerdotes e Religiosos nomeou presidente o P. Adrian VAN LUYN, Superior da nossa Inspetoria holandesa.*

5.3 Pessoal missionário

Pedidos dos missionários

Em 1979, 149 irmãos fizeram pedido para as missões. Desses, 75 eram sacerdotes; 1, diácono; 12 coadjutores; 49, clérigos e 12, noviços. 107 irmãos ofereceram-se expressamente para as missões africanas.

Isto vem demonstrar que a consciência missionária se está avivando na Congregação (o número de pedidos é muito superior ao do ano passado) e que a participação estende-se agora a toda a Congregação. De fato, dos irmãos que se ofereceram para as missões, 47 são da Europa, 52 da Ásia e 50 das Américas. Estas três grandes zonas da Congregação respondem assim quase em igual número ao apelo para a África. É um fato novo na história da Congregação.

Partidas

É evidente que boa parte dos voluntários que se ofereceram em 1979 não puderam partir. Em primeiro lugar, os que devem ainda terminar os estudos. Tratando-se na África de novas fundações, não será possível dar aos irmãos nesses lugares a formação a que têm direito e necessitam. Outros não puderam partir porque ocupam em suas Inspetorias cargos de responsabilidade, dos quais não podem ser exonerados imediatamente sem provocar grandes desequilíbrios.

Pôde-se, entretanto, contar com 45 irmãos para a 109.^a expedição missionária.

Destes, 33 conseguiram chegar ao novo destino antes de 31 de dezembro de 1979. Os outros aguardam as devidas licenças de imigração, que no caso de alguns países demoram muito tempo.

Dos 33 missionários já chegados ao campo de trabalho, 18 são sacerdotes, 8 coadjutores e 7 clérigos.

Os novos missionários provêm de 14 nações: Argentina (1), Austrália (1), Bélgica (1), Chile (1), Filipinas (1), Japão (1), Índia (2), Inglaterra (1), Irlanda (4), Itália (9), Polónia (2), Portugal (1), Espanha (6), Estados Unidos (2).

23 Inspetorias deram pessoal para esta expedição: a Irlandesa 4, a Lombarda 3 e a Subalpina 3. Madrastra, Valência e Sevilha, 2 cada uma. Deram um irmão cada uma: Austrália, Bélgica (Norte), Bilbao, Itália Central, Chile, Córdoba (Argentina), Filipinas, Japão, Inglaterra, Cracóvia, Ligure, Lódz, Madri, New Rochelle, Portugal, Itália Romana e São Francisco.

A distribuição por missões é como segue: 18 missionários foram enviados a 7 nações africanas: Zaire (5), Ruanda (1); Libéria (3), África do Sul (3), Quênia (2), Etiópia (1), Oriente Médio (Cremisan, com destino à África) (3).

9 missionários partiram para 7 nações americanas: Antilhas (1), Bolívia (3), América Central (1), Chile (1), Equador (1), México (1), Peru (1).

6 missionários foram para 4 nações asiáticas e oceânicas: Filipinas (1), Japão (1), Macau (1), Samoa (3).

5.4 Solidariedade fraterna (31ª relação)

a) INSPETORIAS DAS QUAIS CHEGARAM OFERTAS

AMÉRICA (em libras)
Estados Unidos (Oeste) 5.000.000

AMÉRICA LATINA

Argentina, Buenos Aires 9.720.000

EUROPA

Alemanha (Norte) 7.130.000
N. N. 41.800.000
Itália, Udine 800.000
Espanha, León 2.490.000
Espanha, Madri 10.800.000
Espanha, Sevilha 1.000.000
Suíça, Zurich 500.000

Total das ofertas chegadas entre
27.11.1979 e 11.2.1980 79.240.000

Saldo em caixa anterior 37.503

Disponível a 11.2.1980 79.277.507

b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

ÁFRICA

Angola: para a nova missão 1.000.000
Benin. para a nova missão 1.000.000
Burundi (AFC): promoção das
vocações e pobres 1.000.000
Cabo Verde (POR): promoção
das vocações e pobres 1.000.000
Camarões (FPA): promoção das
vocações e pobres 1.000.000
Congo (FPA): promoção das
vocações e pobres 1.000.000
Costa do Marfim (FPA): promo-
ção das vocações e pobres 1.000.000

Egito (MOR): Alexandria e Cai-
ro: para a promoção das voca-
ções e pobres 1.000.000
Etiópia (MOR): Makallé: promo-
ção das vocações e pobres 1.000.000

Gabão (FPA): promoção das
vocações e pobres 1.000.000
Guiné Equatorial (SMA): promo-
ção das vocações e pobres 1.000.000

Quênia: para a nova missão 1.000.000

Libéria: para a nova missão 1.000.000

Madagáscar: para a nova missão 1.000.000

Marrocos (FPA): promoção das
vocações e pobres 1.000.000

Moçambique (POR): promoção
das vocações e pobres 1.000.000

Ruanda (AFC): promoção das
vocações e pobres 1.000.000

Senegal (SLE): promoção das
vocações e pobres 1.000.000

África do Sul (IRL): promoção
das vocações e pobres 1.000.000

Sudão: para a nova missão 1.000.000

Suazilândia (IRL): promoção
das vocações e pobres 1.000.000

AMÉRICA LATINA

Antilhas: (de Madri) 10.800.000

Antilhas: para as vítimas do

ciclone 1.000.000

Argentina, Córdoba: para uma
capela 1.000.000

Argentina, La Plata: bolsa de
estudos 1.000.000

Brasil, Manaus: para uma bolsa
de estudos 1.000.000

América Central: para Nicará-
gua 9.720.000

Chile: a um sacerdote para os
pobres 426.500

Chile, Punta Arenas: transporte
de maquinaria para uma escola
profissional 1.000.000

Colômbia, Ariari, La Macareña:
 artesanato 1.000.000
 Equador: bolsa de estudo
 1.372.000
 Paraguai, Chaco Paraguai:
 expedição de material. 500.000

ÁSIA

Austrália: para Samoa 1.000.000
 Birmânia, Rangoon: formação
 dos irmãos 1.000.000
 China, Hong Kong: fugitivos
 indo-chineses 1.000.000
 Índia, Bangalore: jovens pobres
 de Andhra Pradesh 1.000.000
 Índia, Calcutá: curso de forma-
 ção 4.000.000
 Índia, Calcutá, Azimganj: manu-
 tenção de um internato para me-
 ninos pobres da região 775.000
 Índia, Nova Delhi: ajuda a
 aprendizes pobres 775.000
 Índia, Gauhati, Golaghat: meni-
 nos pobres 100.000
 Índia, Gauhati, Maligaon: ne-
 cessidades do artesanato
 775.000
 Índia, Gauhati, Shillong: jovens
 deslocados 50.000
 Índia, Gauhati, Tangla: ajuda a
 um internato para os filhos de
 camponeses pobres 775.000
 Índia, Madrasta, Basinbridge:
 para os marginalizados do
 bairro 1.000.000
 Índia, Madrasta Veelaroor: para
 uma capela 1.000.000
 Tailândia, Bangkok: fugitivos
 indo-chineses 1.000.000
 Fugitivos indonésios 872.100

EUROPA

Inglaterra, Oxford, Malta: para
 o oratório de Luga 2.000.000
 Itália, Óstia: para uma comuni-
 dade de Filhas de Maria
 Auxiliadora 300.000

Para literatura salesiana nas
 Casas de Formação de 29 Inspe-
 torias 11.000.000

Total das quantias entregues
 entre 27.11.1979 e 11.2.1980
 79.240.600

Saldo em caixa 36.907

Total 79.277.507

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNAL

Quantias chegadas a 11.2.1980
 906.904.574

Quantias distribuídas na mesma
 data 906.867.667

Saldo em caixa 36.907

5.5 Animação mariana

“Plano de animação mariana da
 Família Salesiana”

O plano foi estudado pela Aca-
 demia Mariana Salesiana e por
 um grupo de participantes na Se-
 mana de Espiritualidade, realizada
 na Casa Geral em janeiro de 1979.

O Reitor-Mor examinou, retocou
 e aprovou.

Premissas

a) As relações da Semana Ma-
 riana de Espiritualidade (22-27
 de janeiro de 1979, ROMA, cf. “La
 Madonna dei tempi difficili”, LAS
 1980) demonstraram que a Famí-
 lia Salesiana é profundamente
 mariana quanto à origem, desen-
 volvimento e método de evangeli-
 zação e educação cristã da juven-
 tude.

b) O Reitor-Mor afirmou: “A
 devoção à Auxiliadora é um ele-
 mento imprescindível do nosso
 carisma: impregna-lhe a fisiono-

mia e vitaliza-lhe os componentes. Sem uma sã vitalidade da dimensão mariana, a nossa espiritualidade sofreria em vigor e fecundidade; ao passo que o cuidado oportuno de um profundo relançamento mariano fará reverdescer toda a "Vocação salesiana" (cf. Atos do Conselho Superior, 289, janeiro-junho de 1978, "Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco", pág. 24).

c) De aí resulta que toda a Família Salesiana, em todos os seus membros, tem necessidade de ser solidária no relançamento mariano para sentir-se renovada.

d) Para tal fim, a programação mariana salesiana será vasta e abrangente, de modo a atingir e empenhar todos os membros da Congregação Salesiana, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, dos outros Institutos de pessoas consagradas (religiosas e seculares), dos Cooperadores e Cooperadoras, dos Ex-Alunos comprometidos, e assim toda a Família possa atingir os jovens e o povo a que estende o seu apostolado.

Plano de ação

Segundo as indicações do Reitor-Mor acerca das áreas concretas do nosso relançamento mariano, quatro são os setores de iniciativas práticas (cf. Atos do Conselho Superior, 289, págs. 26ss):

1. *A formação doutrinal*: iluminar e guiar a mente.

2. *O culto e a piedade marianos*: renovar e formar o coração.

3. *Os grandes horizontes de empenho eclesial*: conquistar e projetar a vida.

4. *O cuidado das vocações*: despertar e realizar o amor.

I. A FORMAÇÃO DOUTRINAL

São as idéias que guiam a existência; é a fé que move a vida cristã; é uma doutrina iluminada acerca da missão salvífica de Maria que apoiará o relançamento frutuoso de uma devoção de tão qualificada ressonância no nosso projeto educativo e pastoral.

1. A assimilação da doutrina mariana do Vaticano II e da exortação "Marialis Cultus" de Paulo VI devem estar na base da *nossa renovação mariana* (Discurso do Reitor-Mor na Academia Mariana Salesiana, 12.6.1978).

Urge, além disso, acrescentar também um conhecimento exato do aspecto mariano do nosso carisma em toda a sua riqueza.

Não haverá renovação sem um profundo repensamento doutrinal:

2. Devemos saber *privilegiar a produtividade no setor "Doutrinal e Científico"* com a preparação de sólidos e válidos estudos sobre Maria SS., sobre a devoção mariana, sobre a dimensão mariana da pedagogia e da pastoral salesiana, etc.

Esta tarefa doutrinal é urgente também para enfrentar certa indiferença e mesmo hostilidade, favorecidas por um clima de secularização.

3. Um serviço doutrinal e científico em benefício de todos é solicitado de modo especial à Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, à Academia Mariana Salesiana, ao Instituto Pedagógico Superior das Filhas de Maria Auxiliadora e a todos os outros Centros Salesianos de estudo teo-

lógico e pastoral, pedagógico e catequético.

Os vários centros trabalham em colaboração, pondo à disposição mútua os frutos de suas fadigas, na publicação de livros e estudos não só de caráter mariano-científico, mas também de segura vulgarização, na linha conciliar.

4. Todo membro da Família Salesiana empenhar-se-á em *aproveitar estes subsídios* para atualizar e enriquecer o próprio conhecimento mariano segundo os desenvolvimentos atuais de ordem exegetica, patrística, magisterial, teológica, ecumênica, missionária e também com os aprofundamentos salesianos. Procurará inteligentemente impregnar com nova luz mariana a própria atividade de educação, catequese e pregação.

5. A Academia Mariana Salesiana de Roma promoveu um *Curso de mariologia por correspondência* entre os irmãos da Itália a fim de ajudá-los nesse trabalho. Algumas Inspetorias italianas das Filhas de Maria Auxiliadora já fizeram funcionar a iniciativa, que pode ser imitada também em outros lugares a fim de guiar e orientar os trabalhos individuais.

6. Os vários Cursos de *atualização e de formação permanente*, promovidos nas diversas Inspetorias e Regiões, ofereçam ajuda válida neste sentido, com a contribuição de Mestres competentes.

II. O CULTO E A PIEDADE MARIANOS

Eis o segundo setor das iniciativas marianas propostas pelo Reitor-Mor: "O culto e a piedade marianos constituem a vida de uma genuína devoção" (cf. Atos do Conselho Superior, 289, pág. 27).

1. Urge, em primeiro lugar, saber inserir-se com competência e criatividade na intensa renovação eclesial do culto litúrgico.

Diz o Reitor-Mor: "Saber exprimir a nossa devoção mariana mediante a *participação viva e inteligente no ciclo litúrgico constitui a meta mais significativa e mais pedagógica* do nosso relançamento (ib 27). No setor litúrgico temos movido muito pouco até agora.

2. A piedade mariana deve ser renovada segundo as quatro orientações da Exortação "Marialis Cultus": *bíblica, litúrgica, ecumênica e antropológica*, para aproximar Maria, de forma renovada e de incisiva atualidade, dos jovens e das classes populares de hoje.

Há aqui todo um trabalho complexo por realizar à luz de novos e empenhativos estudos de perspectiva pastoral e pedagógica.

3. A nossa piedade mariana tem seu *lugar privilegiado no Santuário de Maria Auxiliadora em Valdocco*, Turim, centro espiritual de toda a Vocação salesiana.

a) O centro será então *potencializado e apoiado* de modo que possa atender às funções litúrgicas (celebração das datas marianas), ao cuidado pastoral dos peregrinos e a todas as outras exigências próprias de um SANTUÁRIO mariano de âmbito nacional e internacional.

b) Será particularmente conveniente a edição periódica de um *adequado INFORMATIVO mariano*, próprio do Santuário de Valdocco, que sirva de ligação entre os devotos e os peregrinos, fale das celebrações religiosas e instrua sobre a devoção mariana e a história do Santuário.

c) A Basílica de Valdocco é também a sede central da ARQUI-CONFRARIA dos Devotos de Maria Auxiliadora, que deve ser relançada e renovada seguindo a doutrina do Vaticano II e da "Marialis Cultus".

4. A prática litúrgica e devocional renovada terá também sede no principal templo mariano de cada INSPETORIA, e na igreja de cada casa, paróquia e missão salesianas.

Cada uma delas será como uma filial da Basílica de Maria Auxiliadora e um centro de devoção mariana para os membros da Família Salesiana, para os jovens, para os fiéis e para qualquer outra categoria de pessoas.

5. Em todo templo salesiano haverá a preocupação de fazer *reflorescer a prática das celebrações marianas* e das várias formas de devoção mariana recomendadas pelo Papa e pelos Pastores em sintonia com as sãs tradições da Igreja local, juntamente com celebrações, piedosos exercícios e práticas devocionais marianas, próprias da Família Salesiana.

6. Deve-se sempre lembrar que, segundo o pensamento e a praxe de Dom Bosco, a devoção mariana é *essencialmente sacramental* e exprime-se na vida de graça, cultivada sobretudo mediante a participação renovada dos sacramentos da Eucaristia e da Penitência. Todo relançamento mariano é, pois, promoção cristã integral de conversão e apostolado.

7. Deve-se ainda lembrar que a educação e o amadurecimento cristão são pessoais, progressivos, propostos e não impostos, pacientes, compreensivos e *adaptados às condições de cada um*, partindo

dos destinatários assim como são, para levá-los com doçura e bondade ao que devem ser, com a sua livre e alegre cooperação.

III. OS GRANDES HORIZONTES DO COMPROMISSO ECLESIAL

Há também os grandes horizontes de compromisso eclesial, "vistas no realismo de cada situação local, segundo as exigências desta hora tão rica de futuro... Dom Bosco encontrou justamente nesta área o *espaço preferido* da sua inexaurível operosidade" (cf. *ib.* pág. 28).

1. É indispensável inserir-nos, exorta o Reitor-Mor, de modo sempre mais eficiente, na *Igreja local*, sobretudo a serviço dos jovens e das classes populares.

Devemos estar capacitados a fazer-lhes conhecer e amar o mistério de Maria: iluminá-los e entusiasiná-los com o realismo eclesial que é próprio do espírito mariano de Dom Bosco. A Mãe e a Auxiliadora da Igreja deve inserir-nos ativamente na pastoral do Povo de Deus juntamente com a nossa juventude, esperança da Igreja.

2. A devoção a Nossa Senhora deve ajudar-nos, neste campo, a fazer uma *verdadeira "virada apostólica"*, não só reatualizando o projeto pastoral e educativo de Dom Bosco, mas abrindo-o vitalmente à pastoral de conjunto, guiada tanto pela Conferência dos Bispos como pelo bispo diocesano.

3. A inserção na Igreja local deve caracterizar-se por um particular empenho de presença evangelizadora nas "prementes exigências culturais do mundo de hoje" (cf. *ib.* pág. 28).

Devemos saber “aculturar” segundo as exigências dos tempos *a interpenetração entre Evangelho e Cultura, entre Catequese e Promoção humana*, que é uma expressão da fisionomia salesiana.

Este empenho deve ser concebido como humilde participação da maternidade de Maria e da Igreja na encarnação do Verbo.

4. Neste setor merecem especial atenção os *Grupos e Movimentos de Jovens*, que tornam possível o protagonismo apostólico e cultural da juventude. Enriquecer-lhes os ideais e o clima de convivência com uma renovada dimensão mariana, significa garantir-lhes a autenticidade salesiana e a vitalidade de crescimento.

5. *Também na ordem temporal* deve-se saber projetar a nossa genuína devoção mariana, tendo e suscitando sensibilidade concreta quanto

- à justiça social,
- à convivência civil e a paz,
- à justa organização do trabalho,
- à vida sã de família e às exigências comunitárias do bairro.

Por conseguinte: cultivar uma devoção mariana integral e realista que faça crescer simultaneamente “o bom cristão e o honesto cidadão”.

IV. O CUIDADO DAS Vocações

Por fim, o quarto empenho prático: o cuidado das vocações. Maria nos deu “a Vocação” que salvou o mundo: Jesus! É preciso intensificar com urgência a pastoral vocacional.

Esta incansável e criativa preocupação, parte viva do Sistema

Preventivo, “foi em Dom Bosco uma das expressões mais eficazes da sua devoção mariana” (cf. ib. pág. 29). Basta lembrar a Obra de Maria Auxiliadora para as vocações tardias.

1. É preciso, pois, despertar em todo coração salesiano a consciência viva e contagiosa da *beleza e atualidade da sua vocação*, como expressão filial de devoção a Maria.

Esta é uma verdadeira responsabilidade vocacional, que deve entrar antes de tudo na nossa piedade eucarística e mariana, na catequese e pregação, na pastoral juvenil, na direção espiritual, na presença de amizade entre os jovens, fazendo da nossa vida uma apologia da missão de Dom Bosco e um atrativo eficaz para ela.

2. Urge *rever a fundo todas as engrenagens da nossa pastoral juvenil* para espalhar por toda parte o oxigênio da preocupação vocacional: todo jovem é objeto do amor de Deus com um projeto específico de existência. O “fiat” de Maria ilumina as grandes opções pessoais da liberdade para sua realização histórica.

Soou a hora de reagir contra um silêncio e uma timidez que prejudicam as perspectivas dos jovens.

Maria ajuda a empenhar-nos “a fim de que em toda a nossa atividade pastoral, especialmente a juvenil, esteja presente de maneira explícita e sistemática a orientação vocacional como dimensão essencial. Isto não fique a nível de princípios intencionais, mas seja de fato a base para um repensamento do enfoque, programação e metodologia educativa” (Capítulo Geral 21, 113).

3. Em perspectiva mariana po-nha-se "na base da nossa ação evangelizadora-vocacional uma profunda *oração-conversão* que permita ativar os muitos recursos espirituais (...). Isto não deve ser algo ocasional, mas a atitude habitual de uma comunidade eclesial que vive à procura da vontade de Deus e se purifica continuamente para ser fiel ao seu chamado, vivendo antes de tudo ela própria as palavras do Senhor: 'Pedi ao Senhor... que mande operários para a sua messe'" (Capítulo Geral 21, 112).

A intensidade da oração é fundamento de toda verdadeira pastoral vocacional.

4. *A própria Nossa Senhora não deixará de interceder*, mesmo de maneira prodigiosa, pelo aumento das vocações na Igreja, especialmente a serviço das responsabilidades salvíficas, que Ela mesmo sugeriu a Dom Bosco e continua a confiar à Família Salesiana em seus diversos componentes.

Maria nos ajudará também a reforçar a perseverança na vocação já iniciada e a melhor cuidar dos difíceis problemas da formação.

V. OS RESPONSÁVEIS PELA ANIMAÇÃO

Em todos estes horizontes de atividades é mister particular atenção e espírito de iniciativa por parte dos responsáveis pela animação, ou seja, dos que têm a tarefa de guiar, sugerir, aprovar, dirigir e projetar e lançar iniciativas marianas.

O vazio de responsabilidade e autoridade levaria gradualmente ao silêncio e à inatividade mesmo no plano operativo ou então somente a iniciativas individuais;

estas correriam o perigo de tornar-se arbitrárias e de contrastar com as exigências próprias de um empenho comunitário na renovação mariana.

1. *Todo Superior de Comunidade* (inspetorial e local), no próprio setor de responsabilidade, *será também animador mariano*, sendo a devoção a Maria elemento essencial do nosso espírito.

2. *Individualmente os membros* da Família Salesiana sentir-se-ão amparados, animados e estimulados a oferecer *inteligente participação ativa na atuação das várias iniciativas*; isto ajudará também a evitar dispersões, anacronismos, estagnação e também lacunas inoperantes na renovação da devoção mariana.

Este é o programa que o Reitor-Mor confia à nossa coragem evangelizadora e à nossa inventiva pastoral, a fim de que a devoção mariana floresça, também para a renovação de toda a Família Salesiana.

24 de fevereiro de 1980.

5.6 Universidade Pontifícia Salesiana: redimensionamento

Carta do Reitor-Mor e Grão-Chanceler P. Egidio VIGANÓ ao Reitor Magnífico da Universidade Pontifícia Salesiana.

Roma, 24 de setembro de 1979

Senhor Reitor:

A promulgação da Constituição apostólica "Sapientia christiana" (15 de abril de 1979) e das "Normas aplicativas" da S. Congregação para a Educação Católica (19 de abril de 1979) é um fato de

extraordinária importância no compromisso universitário da Igreja que atinge em profundidade e deve guiar também o processo de revisão da nossa Universidade, objeto de tantas preocupações e estudo há vários anos. Estávamos à espera deste documento (cf. Capítulo Geral 21, 350); ele exige, entre outras coisas, que nos movamos com urgência dentro de determinado espaço de tempo (*Sapientia christiana*, 88).

1. Momento providencial

Agradeço ao Senhor que nos oferece uma ocasião tão propícia e estimulante de levar finalmente a termo a séria tarefa de melhorar estrutural e funcionalmente a Universidade Pontifícia Salesiana.

A nova Constituição convida-nos, com efeito, a situar-nos numa perspectiva de futuro para reformular um nosso projeto universitário corajoso: não simples retoques nos atuais Estatutos, mas um verdadeiro repensamento global da Universidade.

Com esse intuito, na última sessão plenária do Conselho Superior da Congregação (junho-julho de 1979) eu quis fosse examinada, à luz do Capítulo Geral 21, a situação atual para estabelecer algumas opções obrigatórias ou preferenciais em vista do "delicado trabalho da reorganização unitária do setor acadêmico" (Capítulo Geral 21, 343): tarefa aberta, que a Universidade é chamada a aperfeiçoar.

Fruto deste exame autorizado são as orientações e as disposições, que aqui te comunico como diretrizes vinculantes. Peço-te, por isso, que prevejas e organizes as indispensáveis colaborações em vista de uma revisão radical das

estruturas e das linhas de orientação da Universidade, transpondo depois claramente os resultados para os novos Estatutos.

2. Algumas premissas

2.1 Quero primeiramente salientar que o documento papal, em vez de usar a expressão "Universidade e Faculdade de estudos eclesiais", preferiu "Universidade e Faculdades eclesiais"; com efeito, estas instituições se distinguem, também, das Universidades católicas, enquanto "se ocupam particularmente da Revelação cristã e das disciplinas a ela conexas e que, por isso, mais estreitamente se ligam à sua missão evangelizadora" (*Sapientia christiana*, Proêmio, III):

Julgo oportuno explicitar que essa perspectiva deve aplicar-se adequadamente e por nexos funcionais às três Faculdades de ciências humanas (Ciências da Educação, Filosofia e Letras latinas) "que, conquanto não tenham especial conexão com a Revelação cristã, podem todavia contribuir muito para a obra da evangelização, e justamente sob este aspecto da Igreja são consideradas e são erigidas como Faculdades eclesiais e têm, portanto, uma relação toda particular com a Sagrada Hierarquia" (Proêmio, III).

Já em razão desta perspectiva constitucional, cada uma das nossas Faculdades e toda a Universidade devem esclarecer e cuidar da sua dimensão verdadeiramente eclesial e "ter consciência da própria importância na Igreja e da participação no Seu ministério" (Proêmio, IV).

2.2 Além disso, a "*Sapientia christiana*" estabelece que se dê importância às exigências emer-

gentes da atual evolução científica e cultural, que implicam “na mais estreita conexão que sempre mais se constata entre as vários ciências e disciplinas” (*Sapientia christiana*, Proêmio V); e insiste na necessidade da cooperação entre as várias Faculdades: “deve ser diligentemente cuidada a colaboração entre as Faculdades de uma mesma Universidade” (*Sapientia christiana*, 64).

Chegou, pois o momento e a oportunidade de levar a efeito na Universidade Pontifícia Salesiana a reestruturação que foi indicada pelo nosso último Capítulo Geral: “torne-se efetivo também no plano estrutural e, portanto, estatutário o princípio de organização interdisciplinar e departamental. As Faculdades permanecerão organismos acadêmicos de programação e administração, ao mesmo tempo que a gestão departamental garantirá a unidade da formação” (Capítulo Geral 21, 360, 2.7.1).

É um empenho delicado, urgente e global.

2.3 A responsabilidade do Conselho Superior, que se pode inspirar por analogia em quanto a Constituição confia às Conferências episcopais (cf. *Sapientia christiana*, 41), consiste em “interessar-se vivamente” pela reorganização, funcionamento e vida da Universidade Pontifícia Salesiana em vista da “sua especial importância eclesial” na fidelidade ao carisma de Dom Bosco.

Esse empenho dos Superiores da Congregação, em fraterna colaboração convosco, já dura anos. A hora inicial para uma ação de renovação foi o Capítulo Geral Especial com as suas orientações e subseqüentes disposições do Reitor-Mor e Grão-Chanceler com base nas conclusões da comissão pós-capitular.

2.4 Desde então, entre as intervenções mais significativas a serem tomadas em consideração, devem-se enumerar as seguintes:

— Carta do Conselheiro para a formação ao Grão-Chanceler em agosto de 1972;

— Carta do Grão-Chanceler, P. Luis Ricceri, ao Reitor, em janeiro de 1977;

— Memorando dos representantes do Conselho Superior: 9 de junho de 1977;

— Relatório do Conselho Superior ao Capítulo 21 sobre a reestruturação 1972-1977;

— Documento do Capítulo Geral 21 sobre a “Obra do Pontifício Ateneu Salesiano e Universidade Pontifícia Salesiana”;

— Discurso de apresentação do documento capitular a todo o pessoal universitário por parte do novo Reitor-Mor: 3 de maio de 1978.

Tanto o último documento capitular como a sua apresentação feita por mim põem em evidência que o escopo concreto a ser atingido é o de uma reestruturação e modernização profunda: “o eixo central de todo o trabalho reside na organização da Universidade orientada para uma serviço especializado da nossa missão juvenil e popular no mundo” (Cf. Capítulo Geral 21, 355).

3. Objetivos por atingir

Para assegurar o escopo central no enfoque do trabalho de reestruturação, permito-me lembrar alguns objetivos, já anteriormente esclarecidos, sobre os quais não é supérfluo insistir.

3.1 Tencionamos, antes de mais nada, realizar profunda modernização da nossa Universidade. Não nos propomos simplesmente algumas reformas dentro de cada Faculdade, mas "a renovação orgânica da Universidade como um todo: ou seja, uma estruturação mais unitária e uma caracterização mais específica, superando os perigos do setorialismo e do estaticismo e abrindo-se a formas mais dinâmicas e modernas de programação interdisciplinar e centrando-se em Especializações e Institutos verdadeiramente originais, para evitar uma estruturação desproporcional (às forças da Congregação) ou uma assunção supérflua (para a Igreja: duplicidades em Roma) de empenhos universitários' (Memorandum do Conselho Superior, 9 de junho de 1977).

Trata-se, pois, de um repensamento global, de maneira a superar as dificuldades apontadas (Capítulo Geral 21, 351) e a seguir convenientemente as Orientações capitulares (cf. Capítulo Geral 21, 359-360).

3.2 Além disso, dentro deste projeto renovador de toda a Universidade urge reconsiderar e reformular uma clara definição do papel científico de cada Faculdade, segundo uma sua visão específica e na sua unidade interna, precisando-lhe a dimensão eclesial e salesiana, seguindo como critério esclarecedor o princípio da concentração das disciplinas (ou cátedras) homogêneas na Faculdade que corresponde a elas por natureza científica, com o empenho, porém, de oferecer essas disciplinas às necessidades e exigências das várias linhas de orientação de todas as Faculdades.

3.3 Enfim, é para nós sumamente importante e caracterizante

precisar e robustecer a fisionomia científica e salesiana da Faculdade de Ciências da Educação (ou "de Pedagogia" — cf. *Sapientia christiana*, 85), pela sua originalidade entre as instituições universitárias "eclesiásticas"; pela sua forte e específica incidência sobre o significado e a razão de ser sua forte e específica incidência sobre o significado e a razão de ser da nossa Universidade; e pela sua preciosa capacidade de "promover o diálogo entre Evangelho e cultura justamente através do momento pedagógico, tão característico da vocação salesiana" (Memorandum do Conselho Superior, pág. 6). A "clareza eclesial e salesiana, que é exigida para todas as Faculdades, torna-se ainda mais empenhativa para a Faculdade de Ciências da Educação", que nasceu para "valorizar e difundir sempre mais os princípios da pedagogia católica" e para aprofundar e iluminar o Projeto Educativo de Dom Bosco (cf. Capítulo Geral 21, 354).

Julgo de particular importância notar que o objetivo e a alma das várias disciplinas cultivadas nesta Faculdade deve ser claramente o fundamento pedagógico: cabe à Pedagogia a escolha, o conteúdo e a amplitude de toda a sua programação.

A identidade científica desta Faculdade não resulta evidentemente da soma das disciplinas, mas da instância pedagógica, que deve ser a dimensão motriz e informadora do todo: ensino, pesquisa, iniciativas culturais.

Com razão o meu predecessor, P. Luís Ricceri, insistia na urgência de "Robustecer uma clara programação teórica (histórico-filosófico-teológica)" que garantisse às Faculdades uma genuína dimensão pedagógica iluminada pela fé

cristã (cf. Carta do P. L. Ricceri, 1977, ao Reitor, n. 3.5).

4. Exigências por parte da Congregação

O Conselho Superior, na sessão plenária de julho passado, partindo do fato da existência das cinco Faculdades (cf. Capítulo Geral 21, 346, 1.1.3), considerou importante indicar quais as linhas que mais interessam à missão salesiana (cf. Capítulo Geral 21, 356), em vista de um adequado redimensionamento das linhas de Orientação ou Especializações a serem encaradas com zelo na Universidade Pontifícia Salesiana. Resultaram as seguintes exigências de formação universitária:

4.1 Preparação de peritos em *Pastoral Juvenil e Catequética*, quer para o ensino e a pesquisa como para a animação apostólica a nível direcional e operativo, com uma formação global que integre adequadamente os vários aspectos.

O campo da Pastoral Juvenil é muito vasto, comporta também uma atenção toda particular para importantes áreas da Teologia Moral, da Metodologia do crescimento cristão e para os problemas vivos da condição juvenil, sobretudo do âmbito popular.

O setor específico da Catequética é de particular incidência neste campo e exprime o aspecto mais emblemático da nossa missão.

É no campo da Pastoral Juvenil e no setor da Catequética que encontramos os elementos que devem primordialmente caracterizar o nosso trabalho universitário. O inesquecível Papa Paulo VI no-lo recordava quando quis benignamente elevar o Ateneu à categoria de Universidade Eclesiástica (24 de

maio de 1973); comprazeu-se justamente em indicar no motu proprio "Magisterium vitae" que a Universidade Pontifícia Salesiana "singulari ratione sibi proprium haberet doctrinas, ad apostolatum maxime pertinentes, penitus pervestigare et collustrare, instante spectata necessitate iuventutem christiane instituendi, necnon postulationibus attentis hanc institutionem scientificè fulciendi, ita ut fructuosus dialogus cum mundo hodierno instaurari possit"!

4.2 Preparação de pessoas competentes e professores em *Teologia dogmática, com orientação histórico-positiva*.

No atual avanço cultural urge assegurar com profundidade e clareza a identidade da Teologia, privilegiando-lhe a absoluta originalidade entre as outras disciplinas (cf. "A Formação Teológica dos Futuros Sacerdotes" n. 18, Roma 1976), como "ciência da Revelação cristã", indissoluvelmente ligada à vida concreta do Povo de Deus sob a égide e o magistério da Sagrada Hierarquia.

A orientação histórico-positiva é conexa com o estudo dos conteúdos da revelação e do desenvolvimento dogmático com relação à história da evangelização, da catequese e da pedagogia cristã, com possibilidade de especial aprofundamento em "mariologia" e "misionologia".

Insisto na importância, já assinalada pelo meu predecessor P. Luís Ricceri, de cultivar esta linha em sintonia com as exigências da hodierna virada cultural (Carta ao Reitor, 1977, n. 3.2), inspirando-se na índole pastoral e pedagógica da nossa missão na Igreja.

4.3 Preparação de peritos especializados em *Espiritualidade* com

acentuação salesiana, que ofereça competências para pesquisa e ensino acerca da vida consagrada, animação e direção espiritual, guia de centros de formação, discernimento e cuidado das vocações, metodologia de crescimento na graça, análise e intervenção nos problemas da perseverança na fé, aprofundamento do carisma de Dom Bosco na Igreja, etc.

Em todo este setor, que deve tender a preparar bons formadores para a vida consagrada e o ministério sacerdotal, deseja-se uma boa integração dos conteúdos doutrinários e históricos fundamentais com os componentes filosóficos, psicopedagógicos e metodológicos. No atual processo de transformação, toda a Família Salesiana sente uma necessidade urgente de peculiar competência neste setor.

4.4 Preparação de peritos capazes de enriquecer a dimensão operativa da *educação com uma acentuada atenção à reflexão teórica* (histórica, filosófica, teológica) e científico-metodológica da pedagogia, de modo a poder contribuir, com o ensino e a pesquisa, para iluminar tanto a praxe educativa como o estudo das ciências humanas (sobretudo psicológicas e sociológicas), favorecendo seu diálogo com a fé.

A Família Salesiana é chamada a dar a sua contribuição à reflexão eclesial neste delicado e tão atual campo de trabalho.

4.5 Preparação de competentes em pedagogia com particular sensibilidade para os *aspectos psicológicos e sociológicos da educação*.

O escopo a ser atingido, através do ensino e da pesquisa, não é aqui a formação do diplomado em psicologia, em atividades terapêuticas, ou o perito em sociologia a

nível sócio-político; mas, sim, a preparação do especialista perito em pedagogia, com atualizada sensibilidade e conhecimento e projeção dos métodos da formação integral da personalidade.

4.6 Preparação de peritos no setor da *Comunicação cultural*, como acontece *sobretudo na Escola*, mas também em outras atividades, especialmente através do vasto espaço dos mass-media. As intensas mudanças estruturais e culturais do momento requerem uma renovada solicitude no estudo do fator "escola" (preparação de dirigentes cristãos, consultores pedagógicos e didáticos, etc.) com clara sensibilidade eclesial de atenção aos problemas atuais da "escola católica" e, em particular, da "escola profissional".

4.7 Preparação de pessoas competentes e de professores de *Filosofia* para a "aquisição de um sólido e harmônico conhecimento do homem e de Deus, baseando-se no patrimônio filosófico válido" (Optatam totius, 15).

Para nós, essa competência filosófica deveria caracterizar-se por uma abertura especial para a problemática religiosa unida a uma forte sensibilidade humanista-pedagógica. Urge dar mais consistência, hoje, à formação filosófica, mesmo porque a ela fazem incessante apelo as ciências antropológicas e as disciplinas da fé: "Pode-se dizer que a filosofia tem um valor cultural insubstituível: ela constitui a alma da cultura autêntica, enquanto põe as questões acerca do sentido das coisas e da existência humana de modo verdadeiramente adequado às aspirações mais íntimas do homem" (S. Congregação para a Educação Católica: "O ensino da filosofia nos Seminários", Roma 1972).

Por outro lado, sabemos por experiência que a colocação de sólidas bases filosóficas é indispensável para ulteriores especializações em campo pedagógico, teológico, jurídico, pastoral, etc.

4.8 Preparação de peritos e professores em *Direito da Igreja*, com rigorosa conexão com a Eclesiologia e com particular referência aos aspectos jurídicos da vida consagrada e da pastoral salesiana.

Hoje, após o repensamento eclesiológico do Concílio Ecumênico Vaticano II e às vésperas da promulgação de um novo Código canônico, sente-se a urgência de ter, em toda parte, elementos verdadeiramente competentes neste setor.

As disciplinas jurídicas pertencem ao vasto campo da Pastoral e estão estreitamente conexas com a nossa forma de vida e nossa missão na Igreja.

4.9 Preparação de elementos competentes em *Letras cristãs*, com conhecimento especial da língua latina. O acesso direto às fontes, aos numerosos documentos eclesiásticos e ao patrimônio literário cristão dos primeiros séculos, tão caro a Dom Bosco, em sintonia com a caracterização pastoral e pedagógica da nossa Universidade, poderá contribuir para o fortalecimento do sentido enriquecedor e garantidor da Tradição nesta hora de pluralismo ideológico e enfraquecimento sócio-cultural da identidade da fé.

5. Disposições

O Capítulo Geral 21, iluminado agora pela Constituição apostólica "Sapientia christiana", exige uma corajosa revisão das estruturas universitárias, partindo de alguns

pontos importantes já adquiridos (cf. Capítulo Geral 21, 351). A tarefa por realizar não deverá consistir simplesmente, como já te disse, numa solução de problemas setoriais e circunscritos, mas num repensamento do todo, reorganizando-o com vistas a uma refundação da Universidade.

Há, pois, necessidade, Sr. Reitor, de um muito diligente empenho para concretizar finalmente o trabalho levado a efeito nestes anos com sincero espírito de diálogo, de apaixonada busca e fraterna colaboração.

Indico-te, para tal fim, alguns pontos-chave que deverão guiar o projeto a ser realizado.

5.1 Garantir a eficácia de serviço de uma autoridade acadêmica central, que zele por que se realize a unidade de intentos e o reto funcionamento da Universidade "como um todo", em vista dos peculiares objetivos a serem atingidos.

Isto implica, não só a aplicação da nova disposição pela qual "as Autoridades pessoais gozem do poder que efetivamente convém ao seu cargo" (Sapientia christiana, 19,1; cf. Normas práticas" 11), mas também a urgência que o Reitor ("o qual tem a incumbência de dirigir toda a Universidade e promover-lhe de maneira oportuna a unidade, a colaboração, o progresso" — Sapientia christiana, 19, 21) tenha a seu lado neste importantíssimo papel um grupo restrito de colaboradores competentes (que poderia ser o colégio dos Decanos), em vista de mais eficaz possibilidade de ação na coordenação e na vida da Universidade, particularmente objetivando a aplicação e o funcionamento de quanto prescrevem as presentes disposições.

5.2 Definir com clareza a natureza e a função de cada Faculdade, precisando a visão específica e unitária do trabalho científico que dirige as opções, as proposições, o coordenamento e a delimitação das várias disciplinas que nela se cultivam.

É importante, aqui, aplicar o critério acima referido da concentração das disciplinas (ou cátedras) homogêneas na Faculdade que lhes corresponde de acordo com a característica científica de cada uma.

5.3 As Linhas de Orientação ou Especializações são empenhos científicos muito exigentes e hoje a Universidade Pontifícia Salesiana não pode aspirar seriamente a ter muitos.

O redimensionamento, neste âmbito, deve ser enfrentado de modo radical, partindo da consideração global da Universidade, transcendendo "o conceito rígido de autonomia das Faculdades" (Capítulo Geral 21, 351: 1.3.4) e visando à interdisciplinariedade e departamentalidade (cf. Capítulo Geral 21, 360: 2.7.1).

Conseqüentemente, indique-se claramente nos Estatutos a *linha de orientação fundamental* para cada Faculdade e subordinadamente apontem-se as orientações ulteriores.

Para as Faculdades de Direito Canônico, de Filosofia, de Letras Cristãs, isto corresponde a *quanto foi definido anteriormente* sob o título "Exigências por parte da Congregação" (respectivamente, n. 4.8, 4.7, 4.9).

A Faculdade de Teologia considerará sua orientação fundamental a de *Teologia dogmática com acentuação histórica* nas perspectivas da característica pastoral e pedagógica da Universidade. Além

disso, cultivará como própria a de *Espiritualidade* (cf. supra, n. 4.3).

A Faculdade de Ciências da Educação considerará como fundamental e prioritária a *Orientação pedagógica teórico-metodológica* (cf. supra, n. 4.4). Poderão acrescentar-se as orientações da *Psicologia da Educação* ao da *Comunicação cultural* (cf. supra, n. 4.5, 4.6).

Além disso, as Faculdades de Ciências da Educação estarão diretamente empenhadas no que será indicado no número seguinte.

5.4 Criar uma estrutura didática inter-faculdades para a Orientação, unificada e orgânica, de Pastoral Juvenil e Catequética (cf. acima, n. 4.1).

Faça-se com que essa estrutura represente o ponto de convergência da mais alta colaboração das duas Faculdades de Teologia e de Ciências da Educação, e interesse e estimule iniciativas para as outras três Faculdades de maneira a poder tornar-se o centro caracterizador da Universidade.

Esta Orientação, única, seja organizada juntamente pelas duas Faculdades acima indicadas, criando um grupo diretor misto, estabelecendo um só programa bem articulado, no qual possam encontrar espaço também orientações diversas e planos de estudo privilegiados.

Embora caiba às duas Faculdades conceder títulos de Licença e de Doutorado, o Reitor com o grupo restrito dos seus colaboradores (ver n. 5.1) cuide de garantir uma adequada e eficiente autonomia para o grupo diretor, em harmonia com as responsabilidades de programação e de administração das duas Faculdades (cf. Capítulo Geral 21, 2.7.1).

O sucesso desta experiência poderá sugerir, no futuro, uma estru-

tura talvez mais adequada; e tornar-se, além disso, válido estímulo para ampliar colaborações análogas.

5.5 Na programação e realização dos Currículos organize-se de maneira sistemática a interdisciplinariedade e a colaboração entre as Faculdades (cf. Capítulo Geral 21, 360).

A promoção das várias disciplinas, e particularmente das ciências humanas "mais estreitamente ligadas às disciplinas teológicas ou com a obra da evangelização" (*Sapientia christiana*, 84,6), seja projetada de maneira a ser útil para as linhas de orientação presentes na Universidade.

Algumas delas precisam de uma atualizada sensibilidade antropológica, sobretudo das ciências filosóficas, psicológicas e sociológicas; por isso, a organização destas seja tal que possa dar suas indispensáveis contribuições às diferentes Orientações.

5.6 A revisão dos Estatutos, exigida pela "*Sapientia christiana*" (*Sapientia christiana*, 89,91; "Normas aplicativas", 6), deverá refletir o projeto de reestruturação e modernização da Universidade Pontifícia Salesiana, como coroaamento de todos os esforços que se fizeram do Capítulo Geral em diante.

5.7 Ficam ainda por elaborar as "Ordinationes" (cf. Capítulo Geral 21, 359: 2.6.3) e por apresentar de maneira definitiva os "Organogramas", tendo-se em conta as Observações feitas no Conselho da Universidade de 6 de dezembro de 1978 e destas minhas disposições.

Tudo isto permitirá programar uma melhor política por parte do Conselho Superior com relação à Universidade Pontifícia Salesiana, sobretudo em vista da procura, preparação e qualificação do pessoal (cf. Capítulo Geral 21, 364.e), e para garantir também a base econômica e prever uma melhor utilização dos serviços da Universidade Pontifícia Salesiana, especialmente em favor da Congregação e da Família Salesiana.

* * *

Como vê, caro Reitor, o trabalho por realizar é ainda complexo e deve ser enfrentado com coragem e solidariedade. O tempo urge. A separação dos setorialismos e a colaboração entre as Faculdades estão na base de tudo.

A comissão de trabalho, por ti nomeada, tenha oportunamente em conta também as conclusões às quais já se havia em parte chegado no trabalho destes anos e considere a Constituição apostólica "*Sapientia christiana*" e esta minha Carta como uma oportunidade altamente qualificada e um premente apelo para o trabalho de revisão e projeção atualizada do nosso compromisso universitário face ao futuro.

Dom Bosco nos alcance do Céu a ajuda necessária para o bom êxito dos trabalhos. A ti, aos teus colaboradores mais diretos e a todo o pessoal da Universidade, votos confiantes de bom trabalho e as mais cordiais saudações: podes garantir a todos o meu afeto e a minha oração cotidiana.

Com fraterna estima no Senhor,

Reitor-Mor e Grão-Chanceler

P. EGIÍDIO VIGANÓ

5.7 Casas canonicamente eretas em 1979

<i>Inspetoria</i>	<i>Localidade</i>
África Central	Boortmeertbeek-Procuradoria missionária (Bélgica)
Argentina-Buenos Aires	Isidro Casanova
Brasil-Campo Grande	Dourados
Filipinas	Cebu Pasil Santa Cruz
França-Paris	Casablanca-Quartier M. Sultan (Marrocos) Nyamanga (Camarões) Ouireham Paris-Residência Dom Bosco Paris Turbigio Fougamou (Gabão)
Índia-Bangalore	Bangalore, sede inspetorial Cochin Pallaruthy Hyderabad Mangalagiri Quilon
Índia-Gauhati	Mao-Pannanamai
Itália Subalpina	Turim, Valdocco "Maria Auxiliadora" Turim, Valdocco "Beato Miguel Rua"
Itália-Veneza	
México-México	S. Cristóbal de las Casas
Espanha-Bilbau	Baracaldo, "São José"
Espanha-Córdoba	Córdoba, sede inspetorial
Espanha-León	Vigo, "Maria Auxiliadora"
Espanha-Madri	Pozuelo De Alarcón
Venezuela	Caracas, Petare
Polónia-Lódz	Gdansk

Casas para as quais foi emitido decreto de fechamento canônico:

<i>Inspetoria</i>	<i>Localidade</i>
África Central	Jette (Bélgica)
Austria	Waidhofen
Alemanha-Colónia	Saarbrücken
França-Paris	Casablanca-Maarif (Marrocos) Langrune-sur-Mer Le Vésinet Paris-Saint-Fargeau Sindara (Gabão)
Itália-Lombarda	Bolonha "São José"
México-México	México-I. U. C. E.
Espanha-Sevilha	Sevilha Macareña
E.U.A.-New Rochelle	Cedar Lake

5.8 Irmãos falecidos

Guia para consulta do necrológio

— A abreviação inicial (P, L, S,...) indica a qualificação do irmão falecido.

D (Diaconus) Diácono
 E (Episcopus) ... Bispo, Prelado
 L (Laicus) Coadjutor
 P (Presbyter) Sacerdote
 S (Seminarista) Clérigo

— Sobrenome e nome são seguidos da *sigla* — entre parênteses — da *Inspetoria* de pertença.

Abreviações e siglas:

AFC ÁFRICA CENTRAL
 ANT ANTILHAS
 ABA ARGENTINA Buenos Aires
 ABB ARGENTINA Bahía Blanca
 ABB ARGENTINA Córdoba
 ALP ARGENTINA La Plata
 ARO ARGENTINA Rosário
 AUL AUSTRÁLIA
 AUS ÁUSTRIA
 BEN BÉLGICA (NORTE)
 BES BÉLGICA (SUL)
 BOL BOLÍVIA
 BBH BRASIL Belo Horizonte
 BCG BRASIL Campo Grande
 BMA BRASIL Manaus
 BPA BRASIL Porto Alegre
 BRE BRASIL Recife
 BSP BRASIL São Paulo
 CAM AMÉRICA CENTRAL
 CEB TCHECO-ESLOVAQUIA
 Bratislávia
 CEP TCHECO-ESLOVAQUIA
 Praga
 CIL CHILE
 CIN CHINA
 COB COLÔMBIA Bogotá
 COM COLÔMBIA Medellín
 ECU EQUADOR
 FIL FILIPINAS
 FLY FRANÇA Lyon

— A *primeira linha*, precedida de um asterisco, indica o lugar e a data de nascimento.

— 2.^a *linha*: lugar e data da primeira profissão.

— 3.^a *linha*: lugar e data da ordenação sacerdotal, eventualmente só da ordenação diaconal. Numa 4.^a linha poderá estar indicada a promoção a outros cargos (bispo, inspetor...).

— *Última linha*: lugar e data da morte do irmão.

FPA FRANÇA Paris
 GEK ALEMANHA Colônia
 GEM ALEMANHA Munique
 GIA JAPÃO
 GRA GRÁ-BRETANHA
 INB ÍNDIA Bombaim
 INC ÍNDIA Calcutá
 ING ÍNDIA Gauhati
 INK ÍNDIA Bangalore
 INM ÍNDIA Madras
 IRL IRLANDA
 IAD ITÁLIA Adriática
 ICE ITÁLIA Central
 ILT ITÁLIA Ligure-Toscana
 ILE ITÁLIA
 Lombardo-Emiliana
 IME ITÁLIA Meridional
 INE ITÁLIA
 Novarense-Helvética
 IRS ITÁLIA Romano-Sarda
 ISI ITÁLIA Sícula
 ISU ITÁLIA Subalpina
 IVE ITÁLIA Veneza
 IVO ITÁLIA Verona
 JUL JUGOSLÁVIA Ljubljana
 JUZ JUGOSLÁVIA Zagreb
 KOR COREIA
 MOR ORIENTE MÉDIO
 MEG MÉXICO Guadalajara
 MEM MÉXICO México

72 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

OLA HOLANDA
PAR PARAGUAI
PER PERU
POK POLÓNIA Cracóvia
POW POLÓNIA Varsóvia
POR PORTUGAL
Casa Geral
RMU Universidade-Obra PAS
SBA ESPANHA Barcelona
SBI ESPANHA Bilbau
SCO ESPANHA Córdoba
SLE ESPANHA León

SMA ESPANHA Madri
SSE ESPANHA Sevilha
SVA ESPANHA Valência
SUA ESTADOS UNIDOS
(N. Rochelle)
SUO ESTADOS UNIDOS
(S. Francisco)
THA TAILÂNDIA
UNG HUNGRIA
URU URUGUAI
VEN VENEZUELA
VIE VIETNA

IRMÃOS FALECIDOS

“Conservamos a lembrança de todos os irmãos que repousam na paz de Cristo (...). Sua lembrança é para nós estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Constituições 66).

P Adriaensens Camillo (BEN)	* Opdorp (Belgio)	10.9.13
	Bernal (Argent.)	28.1.33
	Córdoba (Argent.)	29.11.42
	† Bonheiden (Belgio)	7.12.79
L Ardu Vincenzo (IAD)	* Mogoro (Cagliari)	17.8.07
	Genzano (Roma)	16.9.26
	† Gualdo Tadino (Perugia)	26.12.79
P Baláskövi Giuseppe (SUO)	* Budapest (Ungheria)	14.3.03
	Szentkereszt (Ungheria)	2.8.23
	Torino	5.7.31
	† Rosemead (USA)	18.1.80
L Barison Michele (BSP)	* Agna (Padova)	25.9.99
	Lavrinhas (Brasile)	28.1.30
	† Lorena (Brasile)	20.12.79
P Barreto Sebastiano (URU)	* Santa Isabel (Uruguay)	19.12.97
	Montevideo (Urug.)	8.2.14
	Montevideo (Urug.)	23.12.22
	† Montevideo (Uruguay)	19.11.79
L Barron Edoardo (GBR)	* Leckpatrick (Irlanda)	5.8.16
	Beckford (Gran Br.)	31.8.39
	† Blaisdon (Gran Bret.)	16.1.80
L Benvenuti Vittorio (ILE)	* Montegridolfo (Forli)	1.5.12
	Montodine (Cremona)	1.9.36
	† Milano	24.1.80
P Borio Armando (ABB)	* Savona	2.12.04
	Fortin Mercedes (Argent.)	26.1.24
	Torino	7.7.35
	† Bahia Blanca (Argent.)	6.1.80
P Bricknell Tommaso (GBR)	* Salford (Gran Bretagna)	4.3.01
	Cowley-Oxford (Gran Br.)	13.9.24
	Wonersh (Gran Bret.)	12.3.32
	† Blaisdon (Gran Bret.)	28.12.79

74 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P Brumec Carlo (JUZ)	* Djurdjevac (Jugoslavia)	30.9.96
	Radna (Jugoslavia)	5.8.16
	Torino	12.7.25
	† Zagreb (Jugoslavia)	27.12.79
L Cavallaro Pietro (ICE)	* Cona (Venezia)	11.1.30
	Villa Moglia (Torino)	16.8.55
	† Cumiana (Torino)	12.10.79
P Cielen Edoardo (BEN)	* Eigenbilzen (Belgio)	15.12.05
	Groot Bjjgaarden (Belgio)	26.8.31
	Oud Heverlee (Belgio)	31.12.39
	† Hasselt (Belgio)	19.1.80
P Cocco Luigi (ISU)	* Grugliasco (Torino)	2.2.10
	Pinerolo (Torino)	15.9.32
	Torino	23.6.40
	† Torino	11.2.80
L Cottet Carlo (FPA)	* Bossonens (Svizzera)	15.3.98
	Château d'Aix (Francia)	29.9.25
	† Attalens (Svizzera)	7.1.80
L Crivellaro Stefano (IRS)	* Breganze (Vicenza)	23.4.19
	Vila Moglia (Torino)	8.9.39
	† Lecce	25.12.79
P Del Mistro Natale (MOR)	* Maniago (Udine)	25.12.05
	Cremlisan (Israele)	8.12.23
	Suez (Egitto)	10.4.32
	† Teheran (Iran)	1.12.79
P Faraci Luigi (IME)	* Barrafranca (Enna)	7.5.07
	Portici (Napoli)	8.12.25
	Napoli	22.4.34
	† Caserta	19.12.79
P Giunta Cosimo (ISI)	* Gangi (Palermo)	14.10.07
	San Gregorio (Catania)	2.10.26
	Messina	12.7.36
	† Palermo	25.1.80
P Hernández Guglielmo (SSE)	* Barruecopardo (Spagna)	16.3.16
	San José Del Valle (Spagna)	10.9.35
	Madri	24.6.45
	† Sevilla (Spagna)	15.12.79

L Jones Adalberto (ACO)	* San Juan de Cuyo (Arg.)	24.4.96
	Bernal (Argentina)	29.1.16
	† Mendoza (Argentina)	2.9.79
P Labrada Giuseppe (URU)	* Montevideo (Uruguay)	10.3.02
	Montevideo (Urug.)	10.3.18
	Torino	11.7.26
	† Montevideo (Urug.)	27.10.79
P La Manna Teresio (ICE)	* Savona	8.10.24
	Villa Moglia (Torino)	16.8.41
	Bollengo (Torino)	1.7.51
	† Torino	13.1.80
P La Rocca Antonio (ISI)	* Partama (Trapani)	30.1.10
	San Gregorio (Catania)	15.9.28
	Messina	22.5.37
	† Palermo	27.12.79
P Lovisek Agostino (BES)	* Pov. Bystrica (Cecoslov.)	10.9.22
	Sv. Benedik (Cecoslov.)	16.8.42
	Bollengo Torino)	1.7.53
	† Tournai (Belgio)	13.1.80
P Magnussen Ignazio (COB)	* Kobenhavn (Copenaghen-Dan.)	18.1.08
	Mosquera (Colombia)	18.1.33
	Bogotá (Colombia)	23.8.42
	† Bogotá (Colomb.)	6.3.79
P Maltry Francesco (GEM)	* Sünching (Germania)	22.6.02
	Ensdorf (Germania)	15.8.24
	Torino	7.7.29
	† München (Germania)	10.12.79
P Marino Nicola (ABB)	* Roccanova (Potenza)	7.2.22
	Fortin Mercedes (Argent.)	31.1.49
	Patagones (Argentina)	23.11.57
	† Bahia Blanca (Argentina)	19.12.79
P Martínez Adolfo (SCO)	* Piñeira de Arcos (Spagna)	10.8.99
	S. José Del Valle (Spagna)	1.3.19
	Campello (Spagna)	17.6.28
	† Córdoba (Spagna)	15.9.79
L Martínez Alfonso (SMA)	* Manzanares (Spagna)	11.7.22
	Mohernando (Spagna)	16.8.56
	† Madrid (Spagna)	15.12.79

P Monje Ortensio (SLE)	* Vellilla de Valderaduey (Sp)	9.3.20
	Mohernando (Spagna)	16.8.41
	Madrid (Spagna)	29.6.50
	† León (Spagna)	8.12.79
P Pena Giuseppe (URU)	* Xauce (Uruguay)	18.9.91
	Montevideo (Uruguay)	2.2.12
	Montevideo (Uruguay)	19.2.21
	† Salto (Uruguay)	26.11.79
P Perissinotto Giuseppe (ISU)	* Venezia	28.10.01
	Foglizzo (Torino)	13.9.18
	Casale Monferr. (Aless.)	28.6.25
	† Torino	30.11.79
P Puerto Adolfo (SCO)	* La Alberca (Spagna)	27.9.15
	S. José Del Valle (Spagna)	12.3.33
	Gibraltar	20.9.52
	† Malaga (Spagna)	23.1.80
P Schmitt Nicola (GEK)	* Eidenborn (Germania)	23.11.05
	Ensdorf (Germania)	29.7.34
	Dehra Dun (India)	30.1.44
	† Essen-Borbeck (Germania)	14.12.79
P Szöke Giorgio (UNG)	* Kecskemet (Ungheria)	1.11.74
	Szentkereszt (Ungheria)	9.10.32
	Torino	23.6.40
	† Budapest (Ungheria)	5.1.80
L Tambascia Nicolino (FIL)	* Castelvetero (Benevento)	14.1.16
	Sankiwan (Cina)	8.12.37
	† Cebu City (Filippine)	13.11.79
P Torres Luigi (ECU)	* Cayambe (Ecuador)	25.11.88
	SigSig (Ecuador)	28.4.18
	Torino	11.7.26
	† Cuenca (Ecuador)	15.1.80
P Vandor Giuseppe (ANT)	* Dorog (Ungheria)	29.10.09
	Szentkereszt (Ungheria)	3.10.28
	Torino	5.7.36
	† Santa Clara (Cuba)	8.10.79

Composto e impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SÃO PAULO

